



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ANNE BRUNA GOUVEIA SEABRA

BIBLIOTECÁRIO (A): escolha de uma profissão

JOÃO PESSOA - PB
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ANNE BRUNA GOUVEIA SEABRA

BIBLIOTECÁRIO (A): escolha de uma profissão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA - PB
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ANNE BRUNA GOUVEIA SEABRA

BIBLIOTECÁRIO(A): escolha de uma profissão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela.

Aprovado em ____/____/2014.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura manuscrita em azul da Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (UFPB)

Profª Ms. Geysa Flávia Câmara
Examinadora (UFPB)

Profª Ms. Ediane Toscano
Examinadora (UFPB)

S438 Seabra, Anne Bruna Gouveia.

Bibliotecário: escolha de uma profissão/ Anne Bruna Gouveia Seabra,
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. – João Pessoa, 2014.

73 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em biblioteconomia)
- Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

1. Bibliotecário 2. Profissão 3. História Oral. I. Título

CDU: 02:1

Primeiramente, a Deus, que me deu forças e coragem para eu seguir em frente. A minha mãe Virginia de Almeida por ter se dedicado todos esses anos na minha formação pessoal, acadêmica e profissional e a minha família que torceu por minha conclusão de curso e pelo sucesso alcançado. E, por fim, aos amigos que esperaram por esse momento me dando força e coragem de prosseguir até o fim. Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Senhor Jesus que permitiu que eu chegasse até o fim desta graduação, que por ele unicamente conhecer meu coração sabe o quanto eu me esforcei para alcançar e finalizar esta graduação.

Agradeço a minha família por acreditar que meu esforço seria válido, em especial a minha mãe Virginia de Almeida e meu primo Sting Ray que sempre me motivaram a ter fé e sempre me encorajaram a seguir e que eu seria capaz.

Agradeço o incentivo de amigos pessoais e da minha turma, que acompanharam meu esforço nesses últimos cinco anos, e me enchiam de esperança para que pudesse ir até o fim, embora conhecessem uma parte do meu sentimento pelo curso.

Agradeço a minha orientadora que tanto lutou por mim, sempre com um sorriso amigo no rosto, e com uma lição de vida a cada vez que me encontrava nos corredores da universidade, a você minha querida Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria uma única palavra gratidão, era em você que eu me apoiava e segurava firme com timidez, mas sentia sua mão com firmeza segurando as minhas e dizendo que eu iria conseguir e sairia graduada nesse curso que eu tão pouco entendia, mas que o concluo para honra e glória do Senhor Deus.

Aos meus professores que conheci ao longo dos anos e que deixaram cada um, uma experiência de vida em minha memória.

E, por fim, agradeço aos Bibliotecári@s entrevistad@s Ana Cláudia Medeiros de Sousa, Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento, Gustavo Henn e Eveline Gonçalves Filgueiras, que com seus depoimentos orais me fizeram compreender a grandeza e a opção pela escolha da profissão de Bibliotecári@.

*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”
(Paulo Freire)*

RESUMO

Aborda a escolha da profissão do bibliotecário (a), adotando como perspectiva metodológica a história oral que tem por objetivo valorizar toda e qualquer palavra dita nas entrevistas feitas durante a pesquisa. Foi demonstrado os principais fazeres dos bibliotecários nas diversas áreas em que o profissional pode atuar. Através dos relatos da história de vida dos profissionais bibliotecários, demonstraremos o que foi vivenciado a partir de suas memórias, aproximando o pesquisador do seu objeto estudado, a informação. No decorrer desta pesquisa entenderemos o motivo da escolha profissional dos entrevistados, e os motivos pelo qual são bibliotecários, e concluiremos em uma memória coletiva, que o profissional bibliotecário sempre será bibliotecário em qualquer lugar, junto ao seu principal objeto de trabalho que é a informação, buscando sempre ser o melhor em tudo que faz.

Palavras Chave: História oral. Memória profissional

ABSTRACT

Discusses the choices of the profession of librarian, adopting as a methodological perspective the oral history which aims to enhance all the words said on interviews during research. It was demonstrated the most important works of this profession in the various areas where trader can act. Through the accounts of the life history of professional librarians. We demonstrate what's was experienced from his memories approaching the researcher of this studied object, the information. During this study the real motive of this professional choice of subjects. We conclude all together that the librarian professional always be it, anywhere, with his main object of work that is the information, always trying to be the best in everything he does.

Key words: Oral history. Professional memory

SIGLAS

UFPB	Universidade Federal da Paraíba
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
MARC	Machine Readable Cataloging
CCSA	Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
UNIPE	Centro Universitário de João Pessoa
FACENE	Faculdade De Enfermagem e de Medicina Nova Esperança
PIBC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
CRE	Coeficiente de Rendimento Escolar
PSS	Processo Seletivo Seriado
EJC	Encontro de jovens com Cristo
CDU	Classificação Decimal Universal
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA	15
2 PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO(A): aspectos históricos e legais	18
3 O FAZER PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO	21
4 PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIO(A): uma escolha de vida	27
4.1 ANA CLÁUDIA MEDEIROS DE SOUSA.....	27
4.2 EVELINE FILGUEIRAS GONÇALVES.....	36
4.3 GEYSA FLÁVIA CAMARA DE LIMA NASCIMENTO.....	55
4.4 GUSTAVO HENN.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	71

1 INTRODUÇÃO

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. (Walter Benjamin, em A imagem de Proust)

É chegado o momento de construir um trabalho de conclusão de curso! Sobre o que falar escrever ou refletir? Por um momento peguei-me reticente com a escolha que havia feito. Tínhamos muito mais dúvidas do que certeza! Walter Benjamin, em *A Imagem de Proust*, epigrafe que dá início a este capítulo pareceu trazer a lume minha questão central: não experienciei a profissão ao longo dos anos de formação acadêmica. Isso provavelmente tenha deixado algumas marcas, dentre as quais a incerteza da escolha profissional e o conhecimento dos meandros do campo de atuação.

Por outro lado, vasculhando a internet¹ deparamo-nos com a seguinte notícia: “Pesquisa norte-americana lista profissão de bibliotecário como a nona menos estressante” e aponta algumas especificidades do campo de atuação do bibliotecário (a). Mas, isto ainda não foi suficiente para me convencer. Volto ao passado ainda que fragmentado pelo esquecimento, e tento compreender o caminho percorrido ou ainda a percorrer.

A minha vida acadêmica nasceu do amor que eu tinha quando no meu ginásio comecei a estudar a disciplina de química, quando prestei vestibular tinha certeza do que eu queria, atuar na área de química, prestei vestibular e fui aprovada no curso

¹ Disponível no site <http://blog.crb6.org.br/boletim/pesquisa-norte-americana-lista-profissao-de-bibliotecario-como-a-nona-menos-estressante> notícia veiculada em 14 de janeiro de 2013.

almejado, tinha curiosidade de tudo da área, minha vida não era fácil eu apenas estudava, mas precisa conseguir um emprego enquanto estudante.

Consegui meu primeiro emprego e logo vi o meu desejo de ser uma profissional da área de química aos poucos se distanciar, trabalhava o dia todo e em seguida ia direto pra universidade, é eu tinha muitas responsabilidades, tive que optar pelo sonho de estudar e ter uma graduação na área almejada ou ver minha família numa situação melhor, o meu curso por ser diurno não me deu escolhas, tive que me desfazer de um sonho, para “sobreviver”.

Com o tempo, percebi que não poderia tão jovem só carregar o peso de uma casa, eu também deveria estudar, resolvi que poderia prestar outro vestibular que eu pudesse assistir às aulas no turno da noite, tenho uma tia Bibliotecária da Universidade Federal da Paraíba , quando era criança sempre ouvia minha família falar e me orgulhava da profissão dela, ela é uma bibliotecária, foi daí que surgiu a ideia de tentar fazer o curso, foi ela quem me incentivou a optar pelo novo curso de Biblioteconomia, prestei o vestibular e fui aprovada.

Confesso que a escolha para o vestibular foi imatura, não tentei descobrir do que se tratava, só observei a concorrência que também era baixa e pensei, vou estudar ter uma graduação, poder prestar concurso, vou ter a oportunidade de ser uma pessoa melhor.

Ingressei no curso em 2009.1 no início achei tudo muito cedo para dizer se eu me identificaria ou não no curso, era tudo muito novo, e com aquela agitação de professores novos e pessoas novas preferi permitir que o tempo ajustasse as coisas, mas ainda assim resolvi seguir pensando em obter uma boa média para se caso fosse necessário eu pudesse ter notas para uma possível reopção no 3º período do curso, mas eu ainda não sabia o que escolher, perdi o prazo e resolvi seguir a diante no curso de Biblioteconomia. Resolvi que iria cumprir meu papel de estudante, iria ter frequência regular às aulas, boas notas, fazer meu papel, mas algo sempre me incomodou nunca me senti satisfeita sempre achei o curso pouco divulgado e desvalorizado ficava me perguntando em qual campo eu atuaria quando bibliotecária, não me sentia incentivada na área sempre trabalhei em concessionária,

e como sempre tive uma vida agitada no trabalho não me imaginava na rotina de uma biblioteca, e a cada período me sentia mais angustiada em saber que estava tão próximo de concluir meu curso e eu estava ali sem saber como seria meu futuro.

No curso de biblioteconomia eu sempre analisei que eu nunca seria alguém para falar da área, pois não tive experiência alguma, e não foi por preguiça, mas sim por falta de oportunidade, talvez, hoje eu tivesse algum ponto de vista positivo a respeito do curso ao qual estou concluindo, mas estou aqui tentando me descobrir, tentando entender o porquê que tantos alunos, tantos profissionais da área tem um amor tão grande por tudo que envolve a Biblioteconomia, e eu como estudante não participei, não entendi, não percebi, passaram por mim em cinco anos e eu não consegui alcançar, acompanhar, viver esse amor.

A aula pratica de laboratório eu sempre sentia que a biblioteca deveria oferecer mais, para que a disciplina ministrada tivesse apoio para auxiliar mais os alunos, afim de que existiam alunos que só tinham aquela única oportunidade de entender o curso naquele momento, como eu.

Na posição de estudante sempre esperei muito dos meus professores, eu sempre almejei um diploma, sempre quis ter uma paixão pelo curso que todos diziam que eu teria, mas que não encontrei durante meu percurso. Quando havia os eventos da universidade que era em busca de promover a classe eu sempre ia, mas sempre achava pouco, quase não tinha bibliotecários, professores e aquilo tudo só me deixava mais desmotivada, porque eu entendia que a classe não se preocupava em ser diferente, que o conselho não se fazia presente, eu nunca pelos corredores ouvia alguém comentar sobre nossa área, os alunos vão a biblioteca, mas é como se não soubessem que para estarem ali estudando naquele local, com os livros disponíveis organizados, passaram pessoas que estudaram 5 anos para ter uma graduação e chegar naquela biblioteca, o meu curso é visto como um profissional que guarda livros, isso tudo me deixa num vazio grande, porque quando alguém vem me dizer isso eu fico sem chão comenta-se porque estuda-se tantos anos para guardar livros ou arrumar estantes. A minha relação com curso atualmente é angustiante por saber que estou terminando e não me encontrei no curso, não me identifiquei com um setor por não ter prática na área e pelas aulas teóricas em sala não me estimularem a seguir

adiante. Mas terei meu diploma como graduada na área, o curso pelo qual não me apaixonei, talvez seja o que me fará vencer.

Em face do colocado, vale questionar: ***Que memórias se podem registrar dos profissionais bibliotecários? Como e porque escolheram a profissão de bibliotecário (a)? O que os efetivam enquanto profissionais?***

Na tentativa de responder as indagações postas traçamos objetivos seguintes. Objetivo Geral: Refletir a escolha da profissão de bibliotecário (a) a partir de suas memórias individuais e coletivas; e, como objetivos específicos: Verificar o porquê da escolha da profissão de bibliotecário (a); Compreender o grau de motivação da escolha profissional e Compreender a percepção do profissional bibliotecário (a) em relação à profissão.

Apontado os objetivos perseguimos como arcabouço metodológico a história oral tomando-a enquanto aspecto teórico e metodológico da pesquisa.

Do ponto de vista estrutural, nosso trabalho de conclusão de curso estruturou-se da seguinte maneira:

No capítulo 1 INTRODUÇÃO em que consta a justificativa, os objetivos gerais e específicos bem como a pergunta norteadora da pesquisa.

1.1 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA

A história oral é uma metodologia que visa atender o objetivo de uma pesquisa com esclarecimentos feitos através de entrevistas realizadas com o enfoque de desvendarmos acontecimentos vivenciados também por estas pessoas, com a expectativa de trazer sentimentos, experiências e curiosidade de experimentar um pouco do que será relatado dentro de um contexto que envolve pessoas. Ferreira e Amado (2006) entende que a história oral como tantas outras metodologias, tem o papel de estabelecer e ordenar os procedimentos de trabalho, como as entrevistas e a maneira como ela será utilizada, no caso, nas descrições de seus depoimentos, suas vantagens e desvantagens que funcionarão como ponte entre teoria e prática na pesquisa.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que valoriza a execução de entrevistas com indivíduos que fizeram parte ou presenciaram fatos, momentos históricos, entre outros, com a finalidade de aproximar o pesquisador do fenômeno a ser estudado. (SILVA E ALMEIDA, 2005, p.99).

Segundo Lozano (2006, p.16) “A história interessou-se pela “oralidade” na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas”. A intenção das entrevistas com os profissionais da área serão com a finalidade de entendermos a trajetória da profissão, até o amor pela profissão do bibliotecário. Segundo Voldman (2006, p.36) “A fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir”. É importante descobrir preservar e valorizar a memória do homem, a história oral faz seus registros a partir das memórias individuais das pessoas e essas investigações podem derrubar barreiras como à falta de conhecimento sobre a própria profissão em questão, bibliotecária.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar - e, portanto, perpetuar - impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. (MATOS E SENNA, 2011, p.97).

As entrevistas acontecerão através de um gravador que será objeto chave para podermos preservar cada palavra dita pelos entrevistados e com este material todo transcrito iremos compreender os acontecimentos anteriores e os superiores a esta pesquisa. A história oral tem o objetivo de chegar ao objeto de estudo através das entrevistas que traz a veracidade dos fatos e dos acontecimentos vivenciados, a oralidade responde as perguntas da sociedade em histórias que ainda não foram escritas, rompendo muitas barreiras. As entrevistas quando finalizadas devem ser transcritas, autorizadas e voltar ao público, como palestra ou como alguma forma de exposição para que seja materializada com a devida importância.

A história oral atua também em respeito à sociedade, buscando as informações de histórias desconhecidas. Segundo Thompson (1992, p.137) “a evidência oral transformando-os os objetos de estudos em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. Thompson (1992) argumenta que o passado tem seu valor histórico com base em três pontos importantes. Como ele é demonstrado, como a sua informação significativa é proporcionada, como a consciência coletiva e individual é parte integrante desse passado e como as fontes orais são importantes e excepcionais para a construção desse passado que ficará em nosso presente. Esta pesquisa se dará através de entrevistas, método que fundamentará a pesquisa com sua descrição e análise do objeto de estudo com os profissionais que escolheram o curso de biblioteconomia com a intenção de conhecer e como continuidade atuar na área. Ministrando o curso na sua teoria e prática, disseminar a informação com a intenção de alcançar grande parte de usuários e até toda e quaisquer pessoas que buscam referências e informações sobre a história da Biblioteconomia e do profissional bibliotecário. Também é papel do bibliotecário, ter como alvo todo e qualquer usuário afim de que, se não existir usuários não existe informação, se não existir informação, não existem materiais informacionais e assim por diante, o profissional bibliotecário para exercer o seu papel de disseminador, compartilhador de informações necessita de conhecimento para fornecer aos usuários que as solicitam.

2 PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO (A): aspectos históricos e legais

“A profissão de bibliotecário é regulamentada, isto é, tem legislação própria” (Bernardina, OLIVEIRA).

A trajetória das bibliotecas no Brasil deu seu ponto de partida com as ordens religiosas, as bibliotecas foram organizadas pelos jesuítas, Beneditinos e Franciscanos em seus colégios. A primeira biblioteca a chegar ao Brasil, foi a Biblioteca Nacional – BN no Rio de Janeiro. Segundo Castro (2000, p. 43) “essa biblioteca é remanescente da Biblioteca Real da Ajuda, criada por D. João I, rei de Portugal, depois do terremoto de 1 de novembro de 1755, que destruiu a antiga Biblioteca Real.” Com isso existiam poucas bibliotecas e ainda assim eram disponibilizadas só para algumas pessoas. Os estudiosos deviam pedir autorização à família real para utilizar os livros da biblioteca que havia sido erguida com livros trazidos por eles, até que o acervo fosse aberto à população, no ano de 1814 o acervo foi liberado para uso de todos da população. Com o surgimento desses livros deu-se a necessidade de um profissional bibliotecário, e foi visto que a profissão seria indispensável para organização do acervo das bibliotecas.

Fala-se muito e já estou falando um pouco, sobre a missão do bibliotecário, sobre o que ele faz ou deve fazer com os livros. Mas é curioso que, ao falar disso, não se costume falar sobre o próprio livro, sobre essa identidade cuja gestão constitui a profissão bibliotecária. (ORTEGA Y GASSET, 2006).

Afirma Fonseca (2007, p.24) “O livro é um dos veículos de comunicação e, como é sabido, no processo comunicativo o receptor da mensagem é tão importante quanto seu emissor”. O livro é visto como um fenômeno de cultura.

Na Biblioteca Nacional os religiosos eram ajudantes de biblioteca, porém não organizavam o acervo conforme necessidades que eram expressas, foi então que após a biblioteca ser dirigida por Benjamim Franklin Ramiz Galvão, foi decidido por melhor fazer um concurso para a profissão, dando assim início ao marco da profissão bibliotecária, com a aprovação de profissionais em concurso para o cargo de bibliotecário.

O exercício da profissão bibliotecária entrou em vigor através da Lei nº 4.084, de 30 de Junho de 1962 que dispõe, sobre profissional bibliotecário e regulariza seu exercício no País, Segue:

Do exercício da Profissão de Bibliotecário e das suas atribuições

Art 1º A designação profissional de Bibliotecário, a que se refere o quadro das profissões liberais, grupo 19, anexo ao Decreto – lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor. Art 2º O exercício da profissão de Bibliotecário em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bachareis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas; b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente. (BRASIL, 1962).

O primeiro curso de biblioteconomia se deu na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro a partir do decreto 8.835 de 11 de julho de 2011. Como afirma Fonseca (1979) um dos pioneiros profissionais bibliotecários do Brasil foi Antônio Gonçalves (1550 -1616) ele era Português e fez- se Jesuíta na Bahia, em 26 de Dezembro de 1584, ele quem cuidou dos livros na Biblioteca da Bahia. Fonseca (2007) afirma também que o bibliotecário Antônio da Costa (1647-1722) chegou a dirigir a biblioteca do colégio da cidade da Bahia, ele foi responsável por organizar o catalogo que foi o primeiro instrumento biblioteconômico produzido no Brasil, logo se tratava de um catalogo sistemático com o respectivo índice temático e onomástico e classificou todos os livros da biblioteca que estava sobe sua direção. Cabe ressaltar que o termo Bibliotecário passou a ser utilizado, na Biblioteca Nacional, a partir de 1824, quando

da aprovação do segundo dispositivo legal- Artigos Regulamentares para o Regimento da Bibliotheca Imperial e Pública- elaborado pelo frei Antônio de arróbida. Nesse documento, após a Independência do Brasil, troca-se o denominador geral, até então chamado Prefeito ou Zelador, passou chamar-se Bibliotecário. (CASTRO, 2000)

O bibliotecário tem que cumprir seu papel na sociedade, sendo um profissional que atenda as necessidades de seus usuários que incentive a leitura e procure seus leitores, que seja ágil, disseminador, compartilhador da informação, que busque sempre atualizar-se para estar sempre apto e responder prontamente seus usuários.

O profissional bibliotecário de hoje, é um profissional que busca estar preparado para as novas tendências tecnológicas apresentadas pelas unidades de informações com novos serviços e produtos utilizados a partir de instrumentos voltados para a tecnologia. Com esses novos avanços é traçado um novo perfil de profissional bibliotecário, mas acima de tudo um perfil do bibliotecário que busca sempre a satisfação vista a necessidade de seus usuários, ele deve acompanhar a evolução de acordado com as necessidades desta.

3 O FAZER PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO(A)

Cordel Parabéns Bibliotecário” (César OBEID)

Peço a Deus inspiração
Pra ditar neste papel
De alguém que faz dos livros
O mais belo painel
Seu trabalho é diário
Falo do bibliotecário
Com as rimas de cordel.
A leitura é um universo
Que fascina multidões
Que dá asas para a vida
Nos liberta dos grilhões
Letras são seus santuários
Esses são bibliotecários
São dos livros, guardiões.
Através dessas leituras
Vão saber dos meus segredos
Os meus sonhos e vontades
Meus caminhos, meus enredos
Minhas dores e alegrias
Meus sorrisos, fantasias
As vontades e os medos.
Com os livros são zelosos
E com eles têm ternura
Facilitam o acesso
Para o mundo da cultura
Uns dos livros têm ciúmes
Amam sempre os perfumes
Que exalam da leitura.

Incentivam o leitor
Para o bom desconhecido
A um mundo de palavras
E de sonho colorido
Seja homem ou mulher
Sempre sabe o que quer
Seu leitor muito querido.
Preservando os seus livros
Todos eles maravilham
Ao caminho dos leitores
Os seus passos sempre trilhar
A leitura é seu sabor
Quando ganham um leitor
Os seus olhos sempre brilham.
Também sempre organizam
Todos os bancos de dados
E se responsabilizam
Por tê-los classificados
Todos dados armazenam
E nenhum querer condenam
Todos são orientados.
Mas às vezes seu trabalho
Tem anônimo valor
Isso ao bibliotecário
Nunca, nunca causa dor
Vive pra ganhar leitores
Ajudar pesquisadores
Como multiplicador.
Seus caminhos são precisos
As ações tão necessárias
Das bibliotecas públicas
Infantis, comunitárias
Sejam aquelas populares

Ou então as escolares
Mesmo as universitárias.
Tem os das bibliotecas
Que são especializadas
Para uma área restrita
Suas áreas são voltadas
Novo mundo pode ver
Orientando o saber
Com pesquisas detalhadas.
Eles que nos facilitam
Pra ter a informação
Mais do que arrumar estantes
É a total transformação
De uma arte pra ciência
Todo dia uma experiência
Entra em seu coração.
Comum é os bibliotecários
Promoverem oficinas
Sessões e exposições
De leituras superfinais
Encantando com histórias
Retiradas das memórias
Os meninos e meninas.
E na era da Internet
Em que tudo é progresso
Nesse mundo tão high-tech
Será que eles têm ingresso?
Não importa muito o meio
Nos ofertam o bom passeio
Para todos o acesso.
Mas não são somente flores
No dia dos bibliotecários
O trabalho muito estressa
E também baixo salários

Fazer os investimentos
Para os reconhecimentos
Serão sempre necessários.
Vou parar o meu cordel
Com amor e alegria
Mas o verso bem rimado
Sempre, sempre prestigia
Quem adora os glossários
Salve os bibliotecários
Adeus, até outro dia

As atribuições do profissional bibliotecário parecem ainda não ter sua devida importância na sociedade. Apesar de cientificamente comprovada sua necessidade e importância social, na contemporaneidade a profissão de bibliotecário ainda encontra-se silenciada. Como exemplo, tomemos a própria universidade que alunos de outros cursos desconhecem o curso de biblioteconomia, e até existem aqueles que são leigos o suficiente para perguntarem, bibli o que? Cunha e Silva (2002) afirmam que o valor e a organização do conhecimento dependem da motivação e dos objetivos de cada indivíduo. Somente o exercício em situações reais dá o sentido e valor ao conhecimento no caso a necessidade da busca faz alguns usuários conhecerem um pouco do fazer profissional bibliotecário.

Ele é responsável pelo serviço de referência que envolve por parte do bibliotecário, desenvolver treinamentos sobre os recursos da biblioteca, orientar em normalização de textos, treinar o acesso à base de dados, orientar nas buscas informacionais. As atividades do bibliotecário no serviço de referência são primordiais dentro de uma biblioteca, pois é onde o usuário terá seu primeiro momento de necessidade, não só o serviço de referência como os demais serviços devem ser objetos e funcionais, os bibliotecários devem estar aptos a responder as exigências da sociedade do conhecimento.

Seu fazer é, portanto, essencialmente um fazer de trocar, de por à disposição informações a partir de um contexto local o da instituição e da unidade de informação – para um contexto planetário e deste contexto planetário para o individual. (CUNHA; SILVA, 2002).

Alguns dos princípios básicos do fazer bibliotecário são visto em compreender outros indivíduos, entender o que eles buscam e poder cooperar nessa busca da informação. O profissional Bibliotecário por ser o mediador entre a pesquisa e a informação, busca atender o usuário e recuperar a informação desejada em tempo hábil. Cunha e Silva (2002) argumentam que os bibliotecários profissionais que dedicam à informação no seu fazer cotidiano, tem um papel a cumprir muito importante na sociedade do conhecimento, sugerir a consciência da importância deste apel justamente com princípios como a solidariedade humana, a ética, a capacidade crítica e de questionamento, pode fazer o diferencial necessário na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. O bibliotecário é responsável por diversas áreas dentro de unidades de informações, como organizar o acervo dentro das bibliotecas.

Organizar livros implica tanto ordena-los segundo um sistema lógico de classificação dos conhecimentos e conserva-los para que resistam a condições desfavoráveis de espaço e de tempo como torna-los conhecidos – por meio de catálogos, bibliografias, resumos, notícias, exposições e etc. – para que sejam utilizadas pelo maior numero possível de pessoas interessadas nos elementos formativos, informativos, estéticos ou simplesmente lúdicos neles contidos. A organização começa antes mesmo do ingresso dos livros nas bibliotecas – que se faz por compra, doação ou permuta – através de uma seleção cuidadosamente atenta aos perfis dos respectivos usuários (FONSECA, 2007).

O fazer bibliotecário começa antes mesmo dos livros chegarem as estantes. Os bibliotecários também tem por atribuições o desenvolvimento de coleções, a organização de informações, o atendimento ao usuário, a disseminação seletiva da informação, a chefia que tem um papel muito importante, mas que deve ser exercido com amor e muita disciplina, interação e respeito com sua equipe e por seus usuários

para que dentro das unidades de informação seja feito um trabalho em equipe para que os seus usuários que buscam a informação possam sair satisfeitos daquela unidade de informação e possam indicar a biblioteca e voltar a utilizar os serviços oferecidos.

O fazer do bibliotecário deve acompanhar a atualidade e o bibliotecário deve estar a tento em todos os fatos que acontecem na sociedade da informação, em suas novas tecnologias, sempre sendo pontual em ter uma formação continuada, com a intenção de sempre estar pronto para atender e ajudar na busca da necessidade informacional de seus usuários.

4 PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIO(A): uma escolha de vida

“Nem que seja para fazer alfinetes, o entusiasmo é indispensável para sermos bons no nosso ofício” (Denis DIDEROT).

“A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens: não há senão o verdadeiro luxo e esse é o das relações humanas” (Antoine de SAINT-EXUPÉRY).

Neste capítulo traçamos por meio da história oral as lembranças da opção profissional de alguns bibliotecári@s, selecionados intencionalmente no corpo de profissionais que existem na capital paraibana, ou melhor, cadastrados no Conselho Regional de Biblioteconomia, órgão representante da categoria.

Por questões meramente didáticas disponibilizamos suas vozes, confissões e falares seguindo a ordem alfabética dos depoentes, mantendo quase sempre as marcas da oralidade.

4.1 ANA CLAÚDIA MEDEIROS DE SOUSA

Nasci no sertão do estado paraibano, na cidade de Patos. Lá eu estudei em escola pública, outra época, em escola particular, e, assim, foi até chegar ao terceiro ano. Conclui em escola estadual. Inicialmente, por eu ter uma família envolvida com artes eu pensei em fazer vestibular pra artes e realmente tentei duas vezes e não consegui e enquanto isso eu estava estudando música Departamento de Música na UFPB. Vim morar em João Pessoa com 18 anos. Foi quando duas pessoas me indicaram o curso de Biblioteconomia e eu entrei sem ter noção do que seria

realmente com o intuito de depois transferir para Música, porque de certa forma era na área social então eu ia poder fazer uma transferência sem grandes problemas. Mas logo no primeiro período eu tive aulas com a professora Eliany Alvarenga. Era fantástica a aula dela, tudo parecia muito lindo. Parecia... eu fico brincando dizendo a aula de Eliany era como se eu estivesse assistindo um peça, uma orquestra tocando Tchaikovsky. Muito lindo mesmo, a partir dali eu comecei a conhecer uma Biblioteconomia que tinha uma Responsabilidade Social com a população. Ela levava vários Bibliotecários para a sala de aula para falar sobre suas histórias de vida e isso foi importante porque estimulou e eu observei que poderia atuar em várias vertentes dentro da profissão de bibliotecário. Sabemos que podemos trabalhar com biblioteca escolar, tem as bibliotecas jurídicas, as universitárias e então eu fui me envolvendo com a área e ficava dividida em deixar Biblio e ir fazer Música. Houve a época de conflito entre a música e a biblioteca. Mas quando eu estava no 4º período apareceu uma oportunidade de estágio na faculdade de Ciências Médicas, pronto! Vim para o processo seletivo, e entrei como estagiária e quando concluí os dois anos de estágio, fui contratada como auxiliar de biblioteca e depois que terminei o curso me contrataram como bibliotecária e então em 2009, tornei-me coordenadora das duas bibliotecas da Faculdade.

Conclui o curso em 2007. É muito engraçada a vida da gente, ela vai desenhando, a gente vai tentando ter um foco e de repente na vida da gente vai aparecendo outras vertentes e você vai se apegando a elas e hoje eu já olho e entendo o meu tema de pesquisa do TCC. Acabei fazendo uma especialização em educação, depois fui para especialização porque outra colega bibliotecária trabalhava aqui comigo [referindo-se a Faculdade], ela ia fazer, eu fui pela concorrência mesmo de mercado. Foi importante à especialização eu não tenho como dizer que era uma delícia todo sábado ir passar o dia inteiro falando principalmente porque a temática era em educação, mas assim, para você ter noção do quanto o mercado de trabalho lhe exige, você acaba indo fazer especialização. Depois eu entrei no mestrado e fiz a para a linha de gestão, considerando que eu estava exercendo a Gestão. Ser musicista me ensinou algo importante para a vida - a disciplina.

No Mestrado fui extremamente disciplinada, mas hoje eu quero trabalhar com memória. É muito engraçado que eu já estou apaixonada pelo tema e se tiver oportunidade de doutorado, eu vou retomar a pesquisa que eu tinha iniciado na graduação e agora desenvolver de fato. Atualmente estou aqui como coordenadora em virtude do mestrado, estou como professora temporária na UEPB.

Estudei em escolas públicas e outras particulares. Lá em Patos e depois quando vim para cá, fui aluna da Federal em Biblioteconomia foi uma época boa. O curso de Biblioteconomia na época em que eu estudei em 2001 houve três greves, terminei em 2007, mas na época não tinha programa de pós-graduação, depois eu fiquei pensando será que foi isso na época que eu estudei o programa de pós-graduação tinha fechado em 2001 então eles estavam sem mestrado por lá e eu acho que os professores estavam muito dedicados à graduação. Foi uma época muito boa tive oportunidade de ter aulas com vários professores bacanas foi muito bom.

Geralmente as pessoas perguntavam você é bibliotecária, gosta de ler? Não! Desde criança eu lia aquelas tarefas determinada pelos professores, mas de busca, ainda hoje quando eu faço minhas leituras depois do mestrado, foi que eu vim passar a ter leituras, mas sempre minhas leituras são científicas, eu não pego livro de autoajuda, às vezes eu até olho poxa eu queria, mas assim na hora de se dedicar eu busco fazer leituras da área, como sou bibliotecária e vejo que muitas coisas estão mudando rapidamente comportamento de usuário, serviços e produtos dentro de bibliotecas então tem essas leituras da parte de gestão de competência e habilidade dentro da biblioteca então eu gosto de ler textos da área. Como eu quero trabalhar com memória social nas futuras pesquisas minhas leituras além de científicas também serão acrescidas de outras de caráter social.

Não, não. Só fiz dedicada a proficiência do mestrado só pontual. Fiquei nesse conflito porque eu estava entre Música e a Biblioteconomia, foi muito engraçada porque veio à oportunidade do estágio e é muito legal quando você está estagiando porque você vai vendo a prática e vai para sala de aula e ver o professor com as teorias e fica muito fácil essa compreensão. Eu fui ficando fascinada pela área da Biblioteconomia e amo até hoje. Amo muito a música, mas fui me desprendendo saindo das orquestras porque na época eu participava da orquestra da UFPB, do

Espaço Cultural do CEFET. Fui me desligando de cada uma e cada saída era um conflito eu passava 3 a 4 meses pensando chorando, mas fui me desligando porque vem a questão da necessidade financeira eu precisava trabalhar mesmo, fui ficando e amo tanto quanto. Agora mesmo veio uma usuária, eu fui falar com ela. É tão prazeroso ir tocar, quanto está aqui atuando todos os dias como bibliotecária é muito bom.

Realmente no início eu queria música, mas por ter a oportunidade do estágio influenciou a tomada de decisão de seguir a Biblioteconomia. Mas, inicialmente seria música minha primeira opção, tive essas influências das disciplinas de alguns professores que contribuíram para isso porque eu acho que a responsabilidade dos professores de graduação é muito grande porque eles são os primeiros contatos que a gente tem com a área, se eles trazem uma área bacana, se eles são pessoas otimistas então isso acaba passando para o aluno e contagiando, então eu acho que os professores foram responsáveis por essa escolha e a minha vivência na faculdade com o estágio.

É muito importante para o aluno porque quando a gente entra com 18, 19 anos em uma Universidade, a gente ainda tá meio perdido do que a gente não tem compreensão de fato do que é. Ali você tem que escolher o que você vai ser para o resto da vida pela influência da minha família eu queria a música, mas as consequências acabaram me envolvendo mais com a biblioteca, e ao mesmo tempo eu sou muito satisfeita e grata por isso porque eu amo tanto quanto. Hoje eu não faria mais o curso de música, eu gosto mesmo é de vir para biblioteca.

A docência foi massa. Quando eu vim ser bibliotecária, tinha terminado o curso e feito especialização. O pessoal falava em docência e eu dizia que não tinha competência de falar porque logo a gente começa a se cobrar e a gente quer ser aquele professor ideal e tentamos se espelhar naquele melhor professor que tivemos e aí eu disse não. Não tenho condições! Mas, ao mesmo tempo a música trouxe uma coisa para mim que é essa parte de disciplina essa parte de apresentação de falar para as pessoas traz essa desenvoltura, por isso que a música é importante para criança porque você ganha desenvoltura, mas quando eu terminei o mestrado logo em seguida surgiu um edital para professor substituto da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB). Algumas professoras me mandaram o edital dizendo assim: Se inscreve, como um empurrão com o pé atrás eu vou conhecendo aquilo tudo pra ver se vai ser prazeroso pra mim e se de certa forma eu estarei contribuindo porque de nada vale eu ir para uma coisa que nem é prazerosa para mim ou se eu não estou respondendo a expectativa para o que de fato eu devo fazer.

Foi legal porque inicialmente eu ia e era tão engraçado. Eu converso com as pessoas próximas e digo, ah! Quando eu tava na UFPB ainda não me sentia como professora, estava como professora, mas eu não me sentia, talvez porque eu estava com todos os meus mestres ao meu redor. Era um processo de aprendizagem para mim aquela experiência de sala de aula, mas tiveram algumas turmas principalmente de Biblioteconomia sem sombras de dúvidas que eu tive oportunidade de estar em sala de aula e houve uma turma que foi a última que eu tive com eles.

Era introdução a biblioteconomia, e quando a professora Edna Pinheiro, a época chefe do Departamento, me comunicou que eu ficaria com essa turma, fiquei atônita e foi à disciplina que me deixou encantada pela área. Eu entendi a responsabilidade que eu teria com aquela disciplina, preparei uma aula e fui toda ansiosa para ministrar e quando cheguei foi muito impactante, pelo menos 70% da turma estava naquela fase de transferir para outro curso chateados com algumas questões dizendo que muito que se ouvia era só questão de concurso e mais nada e eu me lembro do primeiro dia de aula eu falava do formato MARC, os sistemas de automação... Eu falei uns vinte e cinco minutos sem parar... Parei e vi todo mundo calado. Perguntei: Vocês estão entendendo, o que eu estou falando? Eu percebia que ninguém estava entendendo nada e então eu disse assim, vou explicar! Era tanta vontade de trazer tudo que eu conheço para uma disciplina que eu fui atentando e eles começaram a desabafar as angustias deles como aluno e eu vi que realmente era uma responsabilidade que estava nas minhas mãos porque eu tinha que trabalhar não de uma forma tão fantasiosa, foi mais pé no chão a cada aula que eu tentava pegar um texto tratando de responsabilidade social do profissional seus parâmetros as partes de que tem que vir dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia essa parte mais burocrática da área então cada aula eu tentava levar mais conhecimento.

Fiz uma visita porque percebi que os alunos de hoje pagam introdução à biblioteconomia no 2º período, mas eles não conheciam a biblioteca do próprio Centro, o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Então como estamos numa área que não conhecemos bibliotecas? É comum as pessoas perguntarem, Ah! Você tem hábito de leitura? E nem sempre os bibliotecários tem o hábito de leitura, mas você nem conhecer o espaço que provavelmente você vai trabalhar. Acho que na segunda ou terceira aula eu já agendei uma visita na biblioteca setorial e fomos.

Não era a forma que eu tinha de começar a mostrar os encantos da área, mas assim a gente foi. O último dia de trabalho eu pedi como última nota que eles fossem visitar bibliotecas e trouxessem essas bibliotecas para apresentar em sala de aula. Um grupo foi para uma biblioteca jurídica, outro foi pra biblioteca central e são concepções diferentes, bibliotecas privadas que é outra realidade, e foi muito interessante porque cada grupo mostrava as fragilidades e as vantagens de cada universo que foi pesquisado, e, coincidentemente, pra fechar um grupo de meninos tímidos, desses meninos que sentam lá no final da sala, só homem que sentam lá no final e são sempre na deles chegaram e disseram, professora a gente não preparou slides, mas temos fotografias da biblioteca e vamos só falar dela, eu respondi, tudo bem sem problema nenhum. Eles começaram a falar constrangidos e apreensivos da biblioteca quando colocaram a primeira foto era a biblioteca municipal de Santa Rita ou era Bayeux agora não lembro era uma das duas que é uma biblioteca que ela tem mais de 60 anos, assim a imagem foi bem impactante, vários alunos começaram a chorar na sala e eu chorei, porque estava o nome biblioteca municipal pintado num prédio como se fosse bem antigo, dentro o chão era aquele piso antigo e para completar tinha um cadeirante estudando na hora, numa mesa como se fosse mesa de cozinha de sertão aquelas mesas grande, as estantes todas enferrujadas e foi muito interessante ter fechado com essa imagem e eu fechar a disciplina e dizer essa é a nossa responsabilidade isso é o que a gente vai encontrar no Brasil, mas quem vai fazer essa diferença?!

A gente vai ficar sempre reclamando do governo? Não! Tem que partir de nós, essa diferença de se envolver com trabalhos voluntários e tentar movimentar mesmo.

A experiência de professora é a lembrança que eu tenho que foi um dia muito importante que eu acho que foi divisor de águas para aqueles alunos.

Hoje eu estava comentei isso com alguém dizendo assim: Não existe a profissão, existe o profissional. Não existe mais essa história, ah! Por que fez engenharia, a gente vê que nas estatísticas acaba apontando que determinada área momentaneamente por conta da copa abriram várias vagas para construção civil, mas daqui a pouco muda então o curso de medicina, por exemplo, trezentos alunos formados, nós temos cem alunos formados pelas Ciências Médicas 100 alunos pelo UNIPÊ, cem alunos pela FACENE. Então quantos médicos nós teremos daqui a cinco anos no mercado de trabalho? Eu acho que não existe mais essa história de tal área, a verdade é o profissional que se faz e ter a maturidade de fazer a graduação tendo oportunidade de ser um aluno envolvido, por exemplo: que participe do Programa de Iniciação Científica (PIBC) bolsista ou não. Lamentavelmente eu não fui e sempre falo eu passei. É interessante citar quando eu fiz vestibular para Biblioteconomia eu fui à última colocada fiquei em último lugar da sala, e nunca fui aluna PIBIC nunca tive um CRE acima de nove e mesmo assim eu cheguei e é muito engraçado, mas, eu cheguei até aqui então é porque de repente a gente está terminando o curso e diz, eu não tive oportunidade será que eu vacilei não há sempre o tempo de dizer: ah! Eu vou me dedicar agora. Eu quero porque é isso que eu lhe digo a gente é imaturo quando entra na graduação.

Hoje eu tenho vontade de fazer outra graduação (risos) quando eu tiver tempo eu ainda faço então eu acho que o profissional está mais centrado nisso, Existem os focos se você quer concurso, então é se dedicar porque não é simplesmente a área da Biblioteconomia porque hoje os concursos traz área de legislação informática então é ir para curso preparatório mesmo, ter uma disciplina de estudo e a gente é imediatista. O brasileiro quer tudo rápido quer retorno rápido. Porém é preciso ter dedicação de uns dois anos estudando pra vir os resultados. É da mesma forma quando eu estava com meus alunos na graduação, eu dizia gente como funcionou comigo eu tento falar isso se você tem oportunidade de estágio no âmbito federal que geralmente ganha mais, mas se você tiver oportunidade de estágio em instituição privada escolha a privada porque você tem a chance de vender seu peixe porque

você chegou na federal completou os dois anos não tem acordo, você sai é uma experiência fantástica, mas que dali você não vai a não ser por um concurso.

Então vai do interesse do aluno de buscar ter experiência e tentar ser assertivos nas escolhas.

Sem dúvidas chega me arrepiei. Na minha casa dentro da minha família todo mundo percebe, meus amigos da música o quanto eu sou feliz e realizada profissionalmente e de fato assim e eu fico dizendo Senhor porque eu sou muito cristã eu fico conversando com Deus e digo Senhor como foi massa tudo que preparaste para mim, porque como eu nunca fui a primeira nas escolas que eu estudei na minha infância, pronto na escrita no mestrado eu vi o quanto faz falta não ter tido uma educação boa no início a parte de língua portuguesa que temos dificuldade na escrita o foco de estudar outra língua já na infância porque tudo na infância é mais fácil porque você pega ao mesmo tempo. Essas lacunas da minha vida na minha infância fez com que fosse motivador para hoje eu correr e querer mesmo e sempre com intuito de responder querer e não ter título por ter, eu quero ter esse título para contribuir e dar de volta para sociedade e isso que adquiri foi um momento marcante também na minha história, o dia da colação de grau em Biblioteconomia porque eu sempre tocava em colações de grau quando foi no dia da minha eu avisei para os meus irmãos, mas ninguém podia ir e de repente estava eu lá sozinha nesse dia foi muito bonito de repente eu precisava está ali sozinha para eu entender ainda mais essa questão e a pessoa que foi responsável pelo discurso que era alguém representando o CCSA, falava muito bem sobre esse comprometimento com a sociedade que a gente estava ali preparada e estava recebendo essa formação por parte do governo esse investimento, mas agora a gente tinha que responder. Foi muito importante para mim esse compromisso.

Eu acho que é se envolver mais. Quando eu falava em sala de aula é algo que incomoda demais, a existência do bibliotecário ele só existe em virtude do usuário. Temos por exemplo, eu faço isso em sala de aula, vamos abrir um CEFET em patos vamos supor que eu acho que lá já até tem, quando abrem eles devem buscar os profissionais que devem trabalhar, então eles escolhem o Bibliotecário. A Biblioteca é estruturada baseada nesses usuários. Eu percebo que ainda hoje no nosso País

existem as bibliotecas o governo vem, investe, cria toda a estrutura e são contratados todos os profissionais pra atuar nessa biblioteca, minha razão de ser, são os usuários, e eu penso que os profissionais vêm atuar nessas bibliotecas e esquecem isso e ainda tem por mais que a gente tenha debatido desde o tempo da minha graduação, a imagem da bibliotecária é aquela pessoa chata que só pede silêncio.

Esses dias mesmo eu estava numa biblioteca que eu não vou citar nome de qual, mas assim eu fui surpreendida porque o bibliotecário de lá não admite barulho nenhum na biblioteca. Não existe biblioteca sem barulho nenhum, esse diálogo que a gente tá tendo é dentro de uma biblioteca, então foi chocante porque ele me expulsou de lá pela atitude dele. Ele batia em um negócio assim tim tim como se fosse um sino, ele fez isso umas cinco vezes, eu disse assim, eu não estou conseguindo ficar aqui ele tá me expulsando, então eu sai de lá ele tinha que entender que ele só tá ali por minha existência como usuária. Eu penso que hoje os bibliotecários precisam cair em si, principalmente quando passam em concurso público.

Eles ficam engessados porque já são concursados, mas eles precisam está com o trabalho voltado pra satisfação do usuário. Como é que eu tenho meu usuário satisfeito? São várias coisas que nós vamos envolve, o atendimento que é outro problema que temos, são os auxiliares de bibliotecas porque o nosso serviço final está ali, então como é que eu me comprometo. Vou dá oportunidade a qualquer pessoa que não tem compromisso com a área, que é emburrada, chata e que não sabe passa a informação para o aluno ou usuário? Quebra a imagem da biblioteca.

Devemos estar atentos quanto aos serviços dos profissionais que são auxiliares de bibliotecas. Tem que ser também comprometido com a área e nos temos que buscar atrair usuários de várias maneiras, ter os serviços e produtos modernos e está sempre tentando barganhar cada vez mais produtos para atender as necessidades. Devemos movimentar bibliotecas, temos que fazer ação cultural movimentos culturais. Aqui desenvolvemos sempre até o semestre passado a gente fizemos. Chama-se a sexta cultural que é justamente nesse intuito de atrair alunos e o mais interessante da sexta cultural que nos desenvolvemos. Vieram àqueles alunos mais problemáticos, aqueles chatos que tipo, queriam entrar na biblioteca e não queriam deixar o material no guarda volumes ficavam resmungando.

A sexta cultural foi trazendo esses meninos e eles se tornaram nossos parceiros, então quando a gente chega e diz realmente esse livro não vai ter como você leva-lo por esse motivo, eles confiam e dizem, ah! Realmente se eles estão dizendo que não pode é porque não pode. Então é muito gratificante há uma aproximação quando a gente faz essas ações culturais com os usuários.

O conselho para os bibliotecários é ter essa responsabilidade social com os usuários porque um dia eu estava em Brasília em um evento, liguei a televisão do hotel para esperar para ir para evento, de repente passa uma reportagem dizendo assim, ah! Brasília quer se tornar a capital da leitura, haverá várias ações e uma das ações que eles estavam fazendo maior marketing seria uma feira de livros e eu não vejo uma feira eu vejo comércio ali não há um compromisso social de estímulo, então nos Estados Unidos, por exemplo, o Bibliotecário ele passa a atuar nas escolas junto ao processo de alfabetização quando vamos estudar competência informacional, e está lá um professor e um bibliotecário para trabalhar em parceria para formar crianças independentes no processo de busca a informação, quando recebemos o aluno, o comportamento de biblioteca de usuário, eles não tem isso inculcido, por conta da formação deles nos enquanto crianças não têm o costume não tem o hábito, então precisamos compensar isso.

O conselho que eu dou é cada vez mais existir a noção da responsabilidade social que nós temos perante os nossos pais e ter esse comprometimento de fato com nosso usuário e que ele saia satisfeito da nossa biblioteca. Eu sou apaixonada pela área gosto muito e até um dia desses me achava funcionária das Ciências Médicas. Hoje eu sou bibliotecária! Estou aqui, é uma instituição privada não sei até quando, mas dentro de onde eu estiver eu sou Bibliotecária.

4.2 EVELINE FILGUEIRAS GONÇALVES

Sou paraibana nasci em João Pessoa. Sempre estudei em escola pública e na época de fazer vestibular meu sonho era fazer computação. No meu primeiro vestibular que prestei foi para computação, não passei e ai vem à decepção. Eu

lembro que no dia do resultado do vestibular eu chorei porque não passei e meu pai me chamou atenção, disse que eu não deveria estar chorando até porque na concepção dele se eu não passei foi por irresponsabilidade minha, já que eu não tinha nenhum outro compromisso, meu compromisso era só estudar, então eu tinha que engolir o choro.

No vestibular seguinte eu ainda sonhava com a computação, na época do vestibular a gente ainda preenchia uma ficha manual onde se colocava o código do curso que você ia cursar e preenchi a ficha. Eu com o desejo de fazer computação, mas com medo de ser reprovado de novo fiz a inscrição para fazer farmácia, mas na hora eu fiquei pensando... Meu Deus! Eu não vou passar! Deve ser muito difícil e eu vou fazer o que? Você comprava o caderno da inscrição do concurso que dava direito a duas fichas de inscrição porque, se errasse uma você tinha a outra e se errasse as duas, você tinha que pagar a inscrição de novo e não tinha direito não. Como eu tinha uma ficha restando eu preenchi e onde tinha o campo do código do curso que você iria cursar que eu não sabia mais o que iria fazer da vida na hora no espaço cultural lotado eu decidi fazer um sorteio, peguei um papel escrevi todos os códigos numa sacola que eu achei no chão sorteei e coloquei lá, não sabia para o que eu tinha feito à inscrição. E quando saiu o resultado, eu descobri que tinha sido aprovado para jornalismo ai fui embora fazer jornalismo nessas condições.

Cursei jornalismo e tive as minhas descobertas que eu adorei no curso de jornalismo tiveram as coisas que eu também não gostei as experiências como tudo na vida tem uma parte que gosta e outra não. O curso de jornalismo na época não tinha estágio não sei como funciona hoje, mas você saia sem experiência profissional. O estágio que tinha era dentro do curso da disciplina prática e na época era jornalismo impresso, tinha um laboratório impresso, rádio jornalismo e laboratório de telejornalismo dentre todas as experiências e todas as disciplinas eu não gostava de falar, então radio jornalismo não queria e televisão também não, eu me identificava mais com a parte de escrever o jornalismo impresso.

Hoje sou Bibliotecária. Fiz jornalismo, fui procurar experiência na área e terminou que fui a uma assessoria de imprensa onde eu prestava assessoria à empresa para as prefeituras do interior, nós tínhamos na pauta do dia fazer matérias

determinadas, prefeituras que eram enviadas relises para as redações dos jornais, locais pra ver se alguma coisa era aproveitada para ser publicado. Aquilo me angustiava. Como adolescente você tem aquela ilusão de que o jornalista vai trazer a notícia para abrir os olhos do povo, para saber o que ocorre nos bastidores da coisa, e o que eu estava fazendo era o inverso.

Trabalhando em uma assessoria de imprensa você é obrigado a escrever para enaltecer a quem você está prestando a assessoria que você não iria falar aquela coisa de contestar para quem você está prestando a assessoria e eu dizia cadê o lado crítico, contestador do jornalista. Para mim era muito angustiante. Sai da assessoria, não aguentei muito tempo, depois disso pensei vou fazer outro curso, mas qual? Não sabia o que fazer e também não estava muito disposta a prestar outro vestibular. Havia aberto inscrições de cursos de vagas remanescentes para entrar como graduado e eu fui olhar os cursos que tinham e descobri duas coisas que me chamaram atenção: Filosofia, eu sempre sonhei em ser Filósofa e Biblioteconomia, fui pesquisar Biblioteconomia e aí eu fiquei encantada porque eu vi que o bibliotecário trabalha com a informação, pensei jornalista também trabalha com a informação e então lendo sobre a profissão comecei a ver que os dois eram mediadores da informação.

Pensei e agora o que é que eu faço? Fiz seleção para os dois, podia fazer para os dois, Filosofia e Biblioteconomia. Fui aprovada! Nos dois tinha que escolher um entre escolher Filosofia e Biblioteconomia... Ah! Vou já que esse também é informação, optei por Biblioteconomia depois que eu estava no curso surgiu uma vaga no jornal só que eu já estava no curso fui fazer Biblioteconomia e me apaixonei, porque que eu me apaixonei por Biblioteconomia? Justamente porque mesmo trabalhando como mediadora da informação eu fazia o mesmo trabalho que o jornalista, de selecionar, você seleciona a informação, trata a informação e disponibiliza para usuário, para um público. O diferencial é que o jornalista vai trabalhar a notícia que é um fato novo, não necessariamente que o fato em si não seja novo, mas pode ser um fato antigo, mas que surja uma novidade sobre aquele fato e sempre com intuito digamos que de preferência seja manchete, chame atenção porque é isso que vai fazer com que o outro consuma a informação.

Enquanto que a Biblioteconomia selecionava disseminava a informação, mas essa informação não necessariamente tinha que ser a notícia e isso para mim era encantador, muito mais prazeroso dentro do curso de Biblioteconomia.

Eu estagiei na Villa Romana, ainda não tinha o curso de Arquivo eu fui selecionada para trabalhar lá com o estágio no arquivo e aprendi muito, mas com a função de montar uma sala de leitura que foi meu encantamento.

Na Villa Romana quando a gente foi montar a sala de leitura vinham muitas pessoas que trabalhavam na fábrica e que só tinham uma hora de almoço esse tempo de uma hora para almoçar eu entendia que tinha que fazer alguma coisa para que eles entrassem na sala de leitura afinal era uma sala para almoçar, descansar. Como vou fazer para o pessoal entrar aqui? Não tínhamos muito dinheiro para livros a maioria foi doação do meu acervo pessoal, porque desde criança sempre fui apaixonada por leitura, peguei meus livros e levei para a sala de leitura e eu lembro que coloquei uns balões, uns bonecos sem braço, um monte de cartaz na portinha porque era uma sala pequena para o pessoal que ficavam fora coisas de jogos para o pessoal brincar enquanto nesse horário nesse intervalo.

De vez em quando um abria a porta enfiava a cara e eu dizia: Entre! (risos) e então pessoal começou a entrar e antes eu lembro que fiz um levantamento do número de pessoas aquele estudo de usuário quantos eram sexo, escolaridade, tinha muita gente analfabeto, muita gente de religião, a grande maioria eram cristões, providenciei a bíblia, tinha muitos homens e nós tínhamos um jornal que ficava fixado em um suporte para o pessoal dá uma lida perto do refeitório eu confisquei do jornal o caderno de esportes, homem gostava de esporte, pensei vou deixar na sala de leitura que eles vão para lá para ver jornal. E então o pessoal vinha atrás de jornal, eu dizia está aqui gente pode entrar. Havia um sofá. O diretor disse um sofá? Sala de leitura é para ler, eles vão dormir! Respondi, e onde é proibido dormir?

Em sala de leitura não existe proibição e daí o pessoal era uma disputa pelo sofá, trabalhava muita gente o dia inteiro em pé e a Bíblia como a maioria era protestante queriam pegar para dar uma lida e foi assim que começou. Foi uma experiência muito interessante. Eu tinha um computador, mas a maioria não sabia nada. No começo, disse minha gente vamos criar um e-mail! O que é um e-

mail? Eu ia explicar o que era um e-mail, quando um ou outro fazia e-mail eu já anotava que eu pensava tenho que mandar e-mail para ele, se ele não receber nada vai ficar triste, era para ele ficar empolgado para retornar.

E foi interessante porque com o decorrer do período a sala de leitura se eu for pensar direito ela ficou funcionando como gabinete de informação utilitária. Você recebia um e depois outro e então chegava, Dona Eveline estou juntando um dinheiro quero comprar um carro vi um fusca, mas eu estou com medo não sei se aquele carro tem multa, será que nesse seu computador a senhora não descobre? E então eu verificava.

Havia muitas solicitações interessantes outros chegavam e diziam estou sem saber dessa sala de leitura se ela serve. Vou saber se a senhora por acaso me fizer à tradução do hino nacional dos Estados Unidos. Na internet hoje em dia eu consigo. E houve várias experiências, por exemplo, teve uma que se separou e queria cometer suicídio. E lá tinha livro de autoajuda eu lembro que um dia chegou um senhor foi falar comigo, nunca li um livro quero que a senhora me indique alguma coisa para ler, ah meu Deus! O que eu vou indicar pra ele ler todo mundo está vindo aqui pegar livro, ele disse também quero, eu respondi então tá e eu lembro que tinha um livro que eu era apaixonada por ele que eu já tinha lido e relido que era até o amanhã chegar.

Um romance que era narrado na China e era a época de conflito na china que vai uma jornalista americana cobrir e se apaixona por um chinês um romance e tem toda complicação da história e eu era encantada porque eu sempre fui encantada por descrição, então como ele falava da cultura chinesa eu adorava e indiquei para ele. No outro dia ele voltou revoltado me xingando a senhora tá pensando que eu sou imoral, eu sou protestante a senhora me indica uma safadeza dessa e ainda mais em outro idioma e eu calma.

Foi que eu percebi que como os personagens eram chineses, tinha o chiguiling da vida no mínimo a moça era americana e tinha lá o nome e ele achava que aquilo era um livro em português, e imoral por causa do romance, mas não tinha nada de absurdo, mas para visão dele tinha e eu pedi mil desculpas para ele e indiquei cinco minutos, uma literatura brasileira aqui não terá nenhum nome estrangeiro é lá da

década mil novecentos e cocada não vai se assustar a mocinha só pega na mão do mocinho. E eu lembro que indiquei para ele. Se eu tivesse indicado os poemas pornográficos de Drummond ele teria me assassinado (risos).

No outro dia ele agradeceu, adorou o livro e terminou que quando sai da Vila Romana ele tinha lido todos os livros de literatura brasileira, não eram muitos, mas era alguma coisa.

Lembro-me de João que na época da fábrica tinha aquele telecurso 2º grau e tinha um grupo que vez em quando ia à sala pegar algum livro e João, o nome dele era João, mas chamávamos de Raul Seixas, parecia Raul Seixas apaixonado por Raul Seixas, fã de Raul seixas. Falei para ele do e-mail ai ele passou a conhecer, ele queria fazer contato com os fãs clubes de Raul Seixas pelo Brasil, localizei para ele e então ele mandou e-mail para um monte e um dia ele chegou todo emocionado na sala de leitura dizendo eu João um homem de Cajá, hoje tem e-mail. Ele tinha recebido em casa uma camiseta do fã clube estava feliz da vida.

Foram várias histórias gratificantes pelo período que eu fiquei lá na Villa Romana. As coisas que aconteceram lembro-me de uma senhora que foi lá uma vez perguntando se podia entrar e eu lógico que a senhora pode entrar, porque tinha uma filha que morava em Santa Rita e a filha tinha que fazer um trabalho para escola e na escola não tinha e ela estava na cidade inteira atrás de um livro que emprestasse e então ela viu um livro e levou com ela e eu disse quantos dias ela teria para devolver e renovar. No outro dia quando cheguei ela já estava lá na porta para devolver o livro e eu disse e sua filha já leu? Eu não a deixei dormir, a senhora foi tão boa em me emprestar o livro que ela passou a noite inteira lendo o livro para devolver rápido então foram muitas histórias interessantes no período da Villa Romana.

Eu trabalhava o dia inteiro na fábrica e fiz a seleção para trabalhar na Unimed e lá também era para o arquivo, mas era montar sala de leitura e da assistência para o setor de jornalismo que na época a Unimed faria 30 anos e seria publicada uma revista comemorativa dos 30 anos da Unimed. Eu teria que fazer o levantamento das informações das documentações das instituições, fazia uma espécie de relatório que enviava para o setor de jornalismo para publicação de revista. Também foi outra

experiência muito legal no relatório tinha de tudo e no meu setor de jornalismo me perguntaram... Eveline você é jornalista? Respondi, sou. Então você sabe o que a gente quer? E eu disse sei. E porque que você tá mandando relatório com tudo? Eu respondi por que eu sou jornalista de formação, mas estou como Bibliotecária de atuação. Na época estava como jornalista de formação, mas sei de como eu deveria fazer o relatório, mas eu estava estagiando como bibliotecária, e meu relatório foi como bibliotecária e depois eles faziam a seleção. O pessoal do setor ficou olhando para mim com cara feia, mas passei um longo período na Unimed e os dias que descia a produção que eram todos os papeizinhos que você vai ao médico e assinam, todos os hospitais, clínicas, enviam tem um prazo de ser verificado tudo.

Chegam caminhões e caminhões daqueles papéis e então chegava à produção como a gente dizia e tinha que arquivar tudo nesses dias eu fechava a sala de leitura porque não tem como e montei também a sala de leitura lá e passei um período. Foi quando fui chamada para o jornal da Paraíba.

O jornalista quando ele vai para uma empresa ele vai ser chamado de foca é o jornalista inexperiente e ele faz de tudo até ele de fato assumir a função de jornalista, como no jornal da Paraíba todo foca passava pelo arquivo iconográfico, arquivos de fotografias havia uma menina que era jornalista e tinha acabado de surgir à vaga na redação ela assumiu e a vaga de foca ficou para mim e então me chamaram. O pessoal me conhecia fui para o arquivo iconográfico e o arquivo era uma bagunça eu organizei, por exemplo, as fotografias eram envelopes de A B C D e tinham as fotos jogadas lá dentro pra quê serviam as fotografias? Toda matéria publicada tem uma foto que não necessariamente é do dia, mas é necessário ilustração, então a redação solicita as imagens aprovadas para usar naquele dia.

O pessoal do arquivo providenciam as imagens no caso na época era só imagem fotografia analógica, tinha que digitalizar e repassar para os feitos das editorias e então comecei a organizar o arquivo e foi que surgiu a fotografia digital quando os fotógrafos começaram a ter máquinas digital. Se havia uns três filmes 90 fotos por dia passamos a ter 300 por dia a coisa se tornou outra realidade comecei a trabalhar junto ao pessoal da informática para criar um banco de imagens e um gritava eu quero a foto de Cássio Cunha Lima, uma foto em pé, uma foto deitada,

gente vertical e horizontal e continuavam eu quero uma quadrada hoje, meu espaço aqui é quadrado mas o que era que se observava, vamos supor ontem foi publicado uma foto de Cássio Cunha Lima, hoje as vezes coincidia da mesma foto 3 dias seguido, parece que o arquivo não tem porque não existia um controle essa foto foi publicada quando e que edição.

E, junto com o pessoal eu comecei a montar o banco de dados, a colocar regras e todo fotógrafo acha suas fotos lindas e maravilhosas, eu dizia não temos como guardar todas. Todo dia trazendo as fotos onde que tem espaço para guardar tudo isso, eles chegavam deixavam a produção e iam embora comecei a avisar que iria dar um prazo ou então eu iria apagar, mas eles não acreditavam muito. No primeiro dia que eu apaguei cadê aquela imagem? Deletei. Como? Mas eu disse que vocês teriam que ver o que ficaria ou não porque não tinha mais espaço, o pessoal quando viram que apaguei, foi um caos uma briga.

Passou a chegar descarregar o material selecionar, eles faziam a indicação do que seriam imagem, capa de jornal, seria imagem dos cadernos internos e o que poderia ser deletado e começaram a organizar, mas também foi uma experiência muito interessante e eu lembro que surgiu a vaga para jornalista o Hélio diretor do jornal disse Eveline temos uma vaga e está precisando de um jornalista hoje. Respondi e o que é que eu tenho com isso? Eu sou arquivista aqui do arquivo! Não era o que eu tinha interesse talvez porque eu seja romântica dependendo da época lógico que não existe um tipo de notícia que seja isenta, até mesmo porque quem produz o próprio jornalista dependendo da política da instituição que você trabalha, mas eu tenho minha visão, eu tenho os meus critérios eu faço minhas seleções a partir daquilo eu acredito o que é certo o que é errado, não necessariamente que seja honesto, eu também posso ser desonesta, mas quando você trabalha numa instituição que é época que tem uma determinada vertente política então, por exemplo, um buraco ali na rua pode se transforma numa cratera na matéria de jornal ou o inverso ter uma cratera, mas se transforma ele num simples buraco.

Então aquela coisa da notícia real ela não existe e aquilo me fazia um mal e eu dizia não Luiz Carlos eu sou romântica demais para função de jornalista e eu não vou conseguir colocar a cabeça no travesseiro. Prefiro ficar com as fotos. Depois

houve concurso daqui da UFPB e quando fiz para bibliotecária e fui aprovada, e o interessante é que a partir do trabalho que foi desenvolvido no jornal na época quando deixei o jornal eu deixei duas Bibliotecárias trabalhando no meu lugar. A vaga não foi mais para nenhum jornalista, o foco iria direto para redação propriamente dita quando eles perceberam que o arquivo foi organizado e que atendia de forma diferenciada mudaram o perfil de quem seria contratado para a função e na época foi Adriana Rangel que hoje é funcionária do Tribunal de Contas do Estado como e Janicleide que também tinha terminado o curso comigo e ficaram as duas eu ensinei tudo e ficaram no meu lugar quando eu vim aqui para UFPB. Então são essas paixões, essas coisas assim diferenciadas de jornalismo para a Biblioteconomia, acho que foi 2004.

Desde criança sempre fui apaixonada por livros sempre gostei de ler não tive tantos livros. Se hoje paro para pensar porque desenvolvi o gosto para leitura, sempre acho que todo mundo tem uma aptidão pessoal, mas pessoal porque eu acho que tem pessoas mais visuais, mais auditivas, não que quem seja auditivo não possa desenvolver esse lado visual óbvio, mas tudo pode ser trabalhado. Eu sempre percebi que sou uma coisa mais visual que outras histórias, então eu acho a gente tem mais outras coisas minha mãe era uma excelente narradora de histórias.

Então eu cresci ouvindo as histórias dela. Mamãe contava cada história maravilhosa, aquilo me apaixonava. Talvez seja por isso que sou apaixonada por descrição, mamãe sempre contava vários dias sempre várias e várias histórias e tinha história que quando ela estava contando a história e terminava ela dizia entrou pela perna do pinto saiu pela perna do pato seu rei mandou dizer que contasse mais quatro e quando a gente queria que fosse era o inverso entrou pela perna do pato subiu pela perna do pinto seu rei mandou dizer que contasse mais cinco que era para ela contar cinco histórias. Então tinha isso, minha irmã mais velha uma encostada a mais velha Jane também era apaixonada por leitura e lia muito, revista, foto, novela romance e livros.

Eu me lembro da minha irmã me dizer assim você vai ter aprendido a ler, quando estiver lendo e ver a história passar como um filme na sua mente e eu vivia doída para ver o filme passar. Vivia lendo para isso, aprendi a ler acho que com as

narrações as histórias que mamãe contava com minha irmã que pegava o embalo com minha tia que era irmã da minha mãe que já lia muito, minha tia lia uns romances Barbara Sabrina aquelas coisas de banca de revistas e Jane, minha irmã, lia era dai também que eu pegava as histórias dela. No tempo eu gostava de ler e lembro minha família simples, nós não tínhamos muito recursos, mas poucas vezes que papai dava algum dinheiro para andar no centro da cidade na livraria de seu Bartolomeu que ficava na Rua Duque de Caxias e na época ficava muitos homens lá reunidos conversando na livraria. Era um espaço pequeno apertadinho porque tinha uma prateleira de um lado à loja em si era estreita. Prateleira de um lado, prateleira do outro e no centro uma mesa onde também tinha uns livros e eu muito tímida ficava esperando aqueles homens saírem para eu poder entrar para comprar algum livro.

Às vezes eu ficava lá na porta um tempão ia embora e aquele cara lá que eu acho que hoje em dia devem ser os intelectuais da época que se reunia na livraria de seu Bartolomeu para conversar. Um dos primeiros livros que eu comprei foi a ilha perdida que era da coleção de vagalumes e tinha também tinha outra coleção que tinha espaço e comecei a ler eu adorava essa coisa de aventura e me apaixonei pela ágata criste quando fui estudar na época era chamado primário, escola publica perto da minha casa nome da escola Conego de Deus o ginásio foi no Santa Júlia e o segundo grau no Liceu Paraibano. Na época que iria completar 15 anos uma amiga minha da sala engravidou e foi fulana ficou grávida e vai casar porque engravidou e ela foi fazer um chá uma espécie de chá de cozinha com chá de bebe tudo junto e convidou todo mundo da turma ganhamos uns convites com os presentinhos que tinha que levar e eu nunca tinha ido numa coisa parecida foi à primeira vez, fiquei encantada.

Como que você pede para o outro o que você quer ganhar e o outro te dá, mas que coisa boa cheguei na minha casa e disse mamãe vou fazer o chá do livro a Simone engravidou vai casar tá pedindo coisa a todo mundo, vou fazer o chá do livro. Fiz o chá do livro vou comprar minha coleção de Agatha Christie tá resolvido meu problema (risos) foi um fiasco meu chá de livro. Ah meu Deus! Todo mundo foi parra o chá de bebe de Simone, mas ninguém veio no meu para dizer que não veio

ninguém, veio uma única pessoa um rapaz da sala foi para o chá, foi o único. Acho que ele devia estar interessado em mim comprou um livro para me presentear (risos), mas ninguém foi, eu digo gente é muito mais importante gravidez e casamento do que leitura foi a conclusão que eu cheguei.

Eu teria meu chá do livro, eu gostava de comprar livros, papai na época ficou penalizado que preparei tudo e ninguém apareceu eu fiquei triste arrasada no outro dia lá vem papai com o dinheiro, tome minha filha vá comprar os livros que você quer (risos) e eu fui para livraria de Seu Bartolomeu para comprar os livros da Agatha Christie que eu queria ler. Eu já até tinha alguns, mas eu queria mais, estavam lá aqueles homens de novo, e cadê eu adentrar, fiquei na porta da livraria tinha chegado uma coleção das bibliotecas das moças e eu fiquei na porta olhando seu Bartolomeu olhando lá do fundo, ele era baixinho pequenininho foi lá me atender na porta e eu terminei que ao invés de comprar coleção da ágata comprei a coleção da biblioteca das moças, entreguei o dinheiro pra ele, nem precisei entrar na livraria, e fui embora lá com meus livros.

E tinha vários livros, um dos livros que me chamou muita atenção da biblioteca das moças, contava a história de um casal que tinha várias filhas e era na época da guerra e ele era convocado para guerra e as mães ficavam com as filhas e uma das filhas a mais velha que o nome dela é Jô ela é no livro masculinizado o jeito dela que ela termina por ser mais velha tomando conta de todas, tem uma que é mais frágil e adoece aquelas coisas próprias de romance, a mais fragilzinha a medianda e Jô que toma conta da família e é a forte e no final ela acaba que casa com um filósofo porque ela gosta de leitura de ler e da parte da filosofia.

E eu achava muito parecida a personagem comigo sei que também ficava encantada com livros que a história narrasse coisas relacionadas à leitura como meu vestido de veludo negro que é a história de uma família que mora em uma mina de carvão a pessoa do casal que tinha os filhos e o cara morre lá na mina de carvão e ela vai embora, porque não pode ficar na mina de carvão só fica naquele lugar quem trabalha lá e apesar de ser uma situação muito miserável ela tem que ir embora com os filhos e na época de busca de como sustentar os filhos termina indo trabalhar na casa de um cara e ele é homossexual, intelectual mas os filhos aprendem

a ler com essa pessoa e a partir da leitura eles tem outra visão de mundo, adorei. Li historias que narrassem relacionado em leitura então assim eu tinha meus livros que ia comprando e guardava, tinha mania de comprar livros já comprei coleção de enciclopédia fiz de tudo mas parte da minha biblioteca foi desfeita quando fui para Villa Romana porque eu queria montar a sala de leitura e queria que as pessoas lessem livros e pra quê que eu ia ficar com um monte de livro guardado então foi a primeira coisa que eu doe, mas os livros que mais me marcaram ficaram lá, que eram *meu vestido de veludo negro* que era da minha coleção da Agatha Christie e minha coleção de livros espiritas que é curioso porque quando eu classifiquei e organizei na CDU tinha uma classificação para livro espirita e coloquei a placa livro espirita ninguém pegava emprestado, a maioria era protestante, dizia livro espirita, pensei tenho que mudar essa classificação, depois na própria classe de literatura eu encontrei uma que adequava então mudei de posição de classe não estava na classe de literatura de livro espirita e o povo começou a pegar por empréstimo, todo eles saiam por empréstimo e eu morria de rir escondido (risos) olha enquanto estava lá a plaquinha de espirita eles não pegavam por empréstimo mas depois saiu, foi assim com o livro Foz do Iguaçu porque na época eu fiz pesquisa era o mais barato e correspondia todo mês recebia um livro do circulo do livro, então meus livros maioria foi para esse intuito, outros ficaram em casa, mas em 2005 quando eu engravidei meu apartamento que morava com meu marido era muito pequenininho só tinha dois quartos que era o nosso quarto e o outro que era o quarto dos livros ai como era que ia fazer o quarto para o bebe Samuel.

Os livros iriam fazer mal para criança, foi dai que eu tive que pegar a estante e doar também na época também doe para uma sala da beira rio onde tinha uma biblioteca pequena no centro de capacitação dos professores uma biblioteca que atendia a comunidade e o restante eu doe lá e assim terminou que me desfiz da minha biblioteca.

Com a experiência do jornalismo não me identifiquei, mas logo depois comecei a fazer Biblioteconomia às coisas que eu aprendi em sala de aula aprendi nas disciplinas práticas de catalogação com a professora Beth Baltar que para mim foi apaixonante com Beth as experiências que eu tive fora da Villa Romana na Unimed

no próprio jornal, então a forma de trabalhar com a informação foi essencial, um diferencial. No jornal na escolha da fotografia e tinha lá, essa de Cássio Cunha Lima o ângulo em pé de baixo para cima, mas a fotografia que ficava lá quando eu ia descrever e armazenar colocava Cássio Cunha Lima imagem vertical pelo fotógrafo, dia, e foi publicado no jornal digital.

Essencialmente os dois profissionais o bibliotecário e o jornalista estão trabalhando com a informação, mas essa me satisfazia mais por essa satisfação. Aquela primeira escolha inclusive da computação veja como é interessante, trabalhei quatro anos na universidade de Brasília como bibliotecária sai daqui para lá como colaboração técnica.

Na Universidade de Brasília eu trabalhei um ano no setor de seleção, também me apaixonei pelo processo de seleção então para você selecionar o livro que vai ser comprado tem os critérios adotados e temos que ter o aval dos professores a indicação deles tem toda uma dificuldade para conseguir selecionar um livro para adquirir fora o processo complicado de compra propriamente dito que é um processo longo e quando eu cheguei lá e estava aquela confusão falei para minha chefe porque que a gente não coloca no link do site lá de sugestão de compra, ela Eveline você fica responsável? Eu digo fico, ai eu fui com o pessoal da informática a gente colocou no ar então a simples sugestão que vinha independente podia ser do público geral de estudantes, servidores, professores.

Eu fazia a indicação da obra dele obedecendo aos critérios de seleção se aquela obra iria ser ou não adquirida eu mandava as respostas para as solicitações explicando, caso fosse selecionado para compra tinha professor que dizia quero este livro vai começar o semestre para minha disciplina agora, e eu professor impossível porque tem a licitação e tem prazo, até o livro chegar aqui, na época o processo que a gente seguia eu não sei como é que está hoje mais eram meses com o livro na sua mala um ano com o livro e então os professores disseram faltam divulgar como que é o processo de compra.

E se o livro era selecionando para compra eu já elaborava. Elaborei um e-mail com toda descrição dos prazos legais como era para aquele livro chegar na biblioteca foi uma coisa muito interessante tinha o setor de biblioteca digital que você tinha a

biblioteca digital que você trabalhava com a equipe, para trabalhar com o portal de periódicos eletrônicos equipe para trabalhar com repositórios institucional biblioteca digital sonora que atende aos surdos e ainda esta em fase de criação o de objetos educacionais, e a pessoa que era responsável pelo portal de periódicos tinha passado no mestrado e ia sair e me convidaram ai sim mas na época que eu estava lá eu estava na especialização o pessoal fazendo especialização dentro da própria área, ciência da informação tinha uma a distância, especialização em Biblioteconomia, ai eu dizia Biblioteconomia fazer especialização em Biblioteconomia quero não quero outra coisa ai fui procurar, ai meu sonho de computação ai fui fazer especialização em gestão de tecnologia da informação, fiz em tecnologia da informação quando cheguei na escola confesso que a escola foi selecionada mais pelo preço porque não tinha dinheiro para pagar coisa cara mas fui primeiro dia de aula a turma inteira era da área de TI e você eu sou Bibliotecária e o professor e você tá fazendo o que aqui, eu disse vim aprender um pouco das coisas que vocês sabem o professor sorria comigo e um sofrimento em algumas disciplinas por exemplo de planejamento , planejamento de tecnologia quase que eu me ferri na disciplina mas eu consegui passar ainda sonhar com alguma coisa em tecnologia quando eu conclui o curso foi quando a pessoa responsável por periódicos saiu do setor passou no mestrado e me chamaram para assumir o portal de periódicos e eu disse eu vou.

Eveline tu fez tecnologia da informação, vai ser mais fácil pra ti, cheguei lá a menina me ensinou e eu não entendia nada. Ah meu Deus do céu! Mas o que foi o diferencial para mim por ter sempre me interessado por essas áreas de tecnologia nunca fiz um curso especializado, mas sempre li e procurava também porque minhas experiências tanto Villa romana, Unimed e Jornal da Paraíba e muitas coisas que eu ia fazer dependia muito do pessoal da informática e então você solicita as coisas e eles dizem não é possível e eu ficava será que é isso mesmo ou estão me enrolando, a gente tem que conversar com um pé de igualdade com essa gente se não eles passam a perna na gente na maior.

Eu fui com mais o curso da TI e foi muito bom porque para trabalhar com portal de periódicos eletrônicos muita coisa envolvia o pessoal da informática obvio que lá tem um diferencial que tem uma equipe dentro da própria biblioteca que não é

aqui, aqui então para atender as necessidades da gente... Mas foi muito bom porque quando eles diziam não é possível eu dizia é mentira é por isso deram uma gargalhada e eu disse olhe eu não sou da área de TI mas eu entendo um pouquinho de TI e o chefe do setor quando dizia isso não é possível eu pesquisava fora e mandava a resposta ele dizia Eveline você tem mania de me mandar receita de bolo eu tenho culpa se você é o chefe do TI e não segue as receitas, ai eu mando a receita (Risos).

Então teve isso, mas o lado de tecnologia da informação eu ainda trabalhei um pouquinho sempre envolvendo esse lado que eu sempre gostei foi muito boa a experiência, na época que eu fui pro IBICT fazer o curso do SER passei um período trabalhando na editora de que passei a dar os treinamentos na biblioteca para os editores das revistas eletrônicas e os treinamentos eram comigo e eu aprendi muito também. Eu acho que todas as recordações ficam todas elas o fato de eu ter trabalhado em arquivo também eu me apaixonei por arquivo, mas ainda apaixonada por arquivos pessoais, quando eu vim aqui pro Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) foi na época que teve umas oficinas oferecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), então aqui era mais essa coisa do museu e o professor Carlos Xavier disse Eveline estou convidando para ir e eu vou, tudo que me aparece eu vou, pode me mandar que eu vou, eu adoro aprender por exemplo aqui em JP, uns arquivos pessoais, na época por ocasião dessas oficinas, conheci o arquivo Afonso pereira, na época quem terminou recebendo lá no arquivo Afonso Pereira a equipe do curso foi a professora Bernardina Freire, para quem conhece ela fala das coisas com paixão então só o modo dela falar faz com que a gente se apaixone também, quando ela apresentou para gente na época eu não lembro agora o ano não sei se 2008 o arquivo, eu fiquei apaixonada e ouvi a história de Afonso Pereira.

Gente do céu eu comparava sabe como quem? Com Francisco de Assis, em que aspecto? Quando eu conheci a obra que eu lia um livro espírita que falava da história de São Francisco de Assis eu pensei esse homem lógico é um santo, você se sente eu nunca cometi nenhum crime, mas se eu fosse comparar aquela visão de mundo meu Deus. Gente como eu sou imperfeita, fazia essa comparação, quando eu

conheci a vida do Afonso Pereira de tanto eu buscar o que ele fez pela Paraíba pela educação do povo paraibano como ele pensou, como ele foi um visionário, eu fiquei tão impressionada que comparava a coisas maravilhosas que são Francisco de Assis tinha feito pelo povo era ele para educação paraibana e nunca esqueci aquela visita ao arquivo é tanto que fui para o mestrado meu objeto de pesquisa foi O arquivo Afonso Pereira, então assim quando eu falo em recordações para mim todas elas, agora o foco para mim sempre é o fato do fazer bibliotecário então sempre é o fazer bibliotecário independente das instituições que eu tenha trabalhado como no próprio jornal, é sempre fazer bibliotecário, então não me arrependo de não ter seguido a profissão de jornalista.

Nem hoje o fato de não ter trabalhado com computação porque, por exemplo, têm pessoas da família de computação eu tenho meu sobrinho que trabalha aqui no nti ele é da área de redes ano passado ele foi para um evento do IBICT.

De cada instituição iria alguém da biblioteca e uma pessoa de TI que foi o lançamento de um programa, mas é um trabalho que já faz alguns anos que começaram a fazer que foi pensando na questão da segurança da informação por exemplo quando eu estava trabalhando lá no portal de periódicos duas vezes aconteceu da gente perder todo o conteúdo de todas as revistas foi o hacker que passou e perdemos absolutamente tudo e a gente tem que colocar a revista no ar, final de semana assim trabalhando, chegando no sábado de manhã na biblioteca até à noite, de manha a equipe volta todo mundo para gente repor os periódicos. Existe um banco de dados daquela determinada informação que vai esta localizado em locais diferentes, você tem aqui mesmo banco de dados aqueles conjuntos de revistas por exemplos que fosse do brasil do mundo que vai tá na Inglaterra e países e lugares completamente diferentes a partir do momento que um é corrompido o outro assume imediatamente e não acontece esse erro.

Existe experiência em vigor que foi desenvolvida pelo uma engenheira de eletrônica, bibliotecária da universidade de campinas, eu agora esqueci a instituição que ela começou a fazer o primeiro teste e tem a experiência especifica da biblioteca local dela daqui do rio acho que é o FJ que fez um convenio com uma instituição na Inglaterra e outra em outro país e desenvolveram, e ela apresentou

hoje já faz alguns anos, aqui e o IBICT iria colocar a nível nacional desenvolvido para todos os periódicos nacionais porque o programinha do SER aquele desenvolvido pelo IBICT e tal que tem as bases de dados e ai ele foi para o evento do lançamento e ai ele voltou eu achei muito interessante dizendo tia que absurdo tinha umas pessoas louca, Oh!

A mulher lá fez apresentação dos trabalhos do que gostaria de ser guardado nesses locais para que não se perca e o pessoal lá dos negros da Bahia, para que querem guardar os documentos dos negros da Bahia, o outro queria guardar os documentos não sei de quem de tal lugar para que esses negócios antigos e eu sorria muito com meu sobrinho com as histórias dele porque no final quem trabalha com a área de computação isso é uma percepção de leiga mas então ele tem essa visão de imediatista que eu preciso de um programa para fazer isso e pronto mas ele não vai ter essa preocupação com conteúdo da informação. Muita gente que cria site, as pessoas passaram a aprender criar site, mas importante que o site é o que você vai disponibilizar o conteúdo, você cria lá um blog e um site com as informações desatualizadas entra ano sai ano e ninguém mais vai querer acessar. O que guardar? Por que guardar? Qual a importância?

E muita vez tem várias coisas que são valiosas e não sei como ele não conseguia perceber então esses aqui são documentos eu falando para ele que contar a história de um povo e isso aqui é o que vai fundamentar pra que a gente tenha a identidade da gente, vê que tem toda essa proveniência então são memórias que vai formar nossa identidade nossa memória nossa história, então por isso que isso daqui tem que ser guardado. Então assim eu acho que minha memória mesmo perpassa o jornalismo que ela perpassa a tecnologia, porque a tecnologia é vista como única e exclusivamente uma ferramenta das melhores que existe que são ferramentas que são para melhorar o fazer diário as nossas habilidades diárias então a gente precisa dela e se também o profissional bibliotecário não for atento a isso ele também vai trabalhar com pessoas e tem que ter o mínimo de conhecimento que não é possível na maioria das vezes vão te dizer não, se você tem um pouco de conhecimento você vai dizer para ele não, tem por isso por isso as receitas de bolos que ele me dizia para de me mandar receitas.

Mercado de trabalho do bibliotecário é uma atividade que você desenvolve, nos mais variados locais, se a pessoa for contar bibliotecária apenas enquanto biblioteca que muita gente pensa que o mercado de trabalho tá ruim e nem tá até porque com se há bibliotecas quantidade de bibliotecas escolares deveriam ter profissional presente que não tem até nessa vertente pensando só em biblioteca o campo de trabalho é grande, mas pensar o profissional bibliotecário como gestor de informação e como gestor de informação ele pode trabalhar em todo e qualquer lugar.

Ele pode trabalhar em empresas, quantos profissional estão lá para trabalhar e para organizar a informação institucional, desde empresas de pesquisas a indústrias pode trabalhar em informação utilitária, a gente vê tanta necessidade de informação utilitária e no modo geral a gente não vê, eu não vejo, então trabalhar em selecionar adquirir, processar difundir a informação isso tá em todo e qualquer lugar não só nas instituições de memória, faltam só as pessoas perceberem e oferecerem esse serviço com a tese mesmo se tem maior entendimento da profissão se abrir vagas em todo e quanto locais profissionais da área mas só vai perceber a necessidade quando a gente vai lá e mostra os serviços.

O período que eu passei no arquivo iconográfico que ate então só era contratado jornalista, jornalista foca pra depois ir pra redação e depois que eu passei por lá não foi mais jornalista para o arquivo quem foi , foi só bibliotecário porque assumiu a profissão e que hoje nem deve ser mais, deve ser arquivista porque existe o curso e já tem turma se formando já para isso na minha época não existia arquivologia aqui em João Pessoa só existia Biblioteconomia, mas quando se percebe o diferencial do que se é feito é contratado.

Educação continuada tem que ser pra qualquer profissional, dentro da minha área se eu nunca tivesse me preocupado estudado pesquisado e me interessando, por exemplo, na minha graduação eu não nunca tinha ouvir falar de uma forma mais consistente de biblioteca digital, eu lembro que quando eu terminei o curso até o termo direito gestão da informação não o via com esses termos é lógico que a gente aprende que o bibliotecário ele trabalha com isso, mas essas terminologias eram utilizadas na época do meu curso, isso você vai ouvir com muito mais frequência,

muito depois foi essencial para continuar estudando, buscar especialização mesmo depois da especialização para trabalhar, por exemplo, dentro de biblioteca digital de fazer os cursos de capacitação para poder desenvolver bem a atividade então acredito que nenhum profissional para porque eu acho que tudo é um eterno desenvolvimento tudo é aperfeiçoamento e o que quer que a gente esteja fazendo na vida tem que ter o compromisso de buscar está se atualizando sempre. Lógico que não teria como fugir da biblioteconomia eu acho que no dia a dia no fazer da gente tem mil coisas que a gente gosta de fazer, mas existem aquelas que dá um prazer maior do que outro e a gente sempre se sente bem por fazer aquilo que a gente gosta, e seria por fazer por me sentir bem que eu escolheria sim biblioteconomia.

O maior conselho para a profissão é a gente procurar conhecer sempre, por exemplo, eu adoro ler sempre gostei de ler, mas não significa dizer que todos os livros que eu li eu gostei, tinha livros que eu lia e eu gostava e outros que eu não gostava o que era um choque para mim, porque minha irmã aquela que dizia que eu quando eu visse passar um filme pela cabeça, eu só teria aprendido a ler, mas ela também dizia que todo bom leitor também gosta de ler tudo e eu não gostava de bula de remédio a não sei o que era o discurso dela aí tinha livro que eu pegava pra ler e não gostava aí eu dizia meu Deus eu não sou boa leitora. Aí começava as loucuras e aí eu descobri uma técnica que era assim quando eu não gostava de ler eu fazia assim, eu ia ver quem era aquele escritor, eu ia pesquisar da vida do escritor onde ele viveu em que época qual era o contexto dele quando eu passava a entender aquela situação que eu voltava para o livro a leitura era outra.

Então eu comecei a perceber no meu dia a dia que o segredo está em você procurar conhecer entender pode até de imediato você começar alguma coisa e a gente não gostar às vezes é do não entendimento, então para mim o segredo está nisso, o que quer que a gente vá fazer o profissional bibliotecário é essa busca incessante de você não desistir, de buscar aperfeiçoar de você buscar conhecer e entender o porque e eu acho que isso termina segmentando o prazer do exercício profissional e eu acho que esse é o maior segredo.

Eu nunca pensei em desistir até agora ainda não surgiu isso não de querer desistir da profissão, mas tem algumas insatisfações óbvio não do exercício

profissional em si, mas pelas limitações institucionais e que essas limitações desanima que você necessita de recursos financeiros recursos matérias para implementar e que muitas vezes aqui não tem e isso as vezes da esse desanimo mas ai quando um lado que não tá funcionando para eu não ficar muito desanimada eu tenho que recorrer a uma outra saída se não for para solução daquele problema de imediato que eu estou ali tentando, mas de procurar alguma coisa para fazer aqui pra que eu não fique pensando no que não deu certo, então isso faz com que você não desista.

Isso faz com que você fique sempre empenhada, o negocio é você não parar porque se parar, é que eu acho que as pessoas desistem por causa disso, acho que é sempre continuar com o sonho acreditar e mais do que continuar com o sonho é acreditar e procurar executar algumas ações e não desistir quando cheguei aqui e vi que não funcionava a biblioteca central eu tinha feito na época que teve uma verba uma compra grande precisava de um mutirão para receber, quem vai para o mutirão? Eu fui feliz da vida para o mutirão então aquilo eu ia dois dias para lá e a gente trabalhava imensamente no mutirão e eu lembro que o mutirão se transformou num mutirão de três pessoas, no inicio tinha mais depois foi diminuindo e no final fiquei até o fim do processo e o mutirão era de três pessoas eu achava interessante mutirão de três, mas é isso é não desistir é sempre procurar entender compreender e qualificar e eu acredito que isso faz com a gente se mantenha na profissão.

4.3 GEYSA FLÁVIA CAMARA DE LIMA NASCIMENTO

Eu vou começar de trás pra frente. Hoje eu moro em João Pessoa, mas não sou natural de João Pessoa. Sou de Solânea Paraíba, brejo paraibano, terra do friozinho gostoso, mas o engraçado é que eu nunca morei lá, morei quando eu passei em um concurso, daqui a pouco eu chego lá. Meus pais são de Solânea e Bananeiras por isso a escolha de ter nascido em Solânea mesmo também os dois depois de casados nunca terem morado lá. Hoje eu atuo como docente do curso de Biblioteconomia, mas durante dez anos exerci o cargo de Bibliotecário. A minha

família é uma família de classe média cujos pais, minha mãe professora, hoje aposentada, meu pai também foi professor e exercia o cargo de fiscal do município, eu estudei na maioria das vezes quase toda minha vida em escolas particulares nos bairros do Cristo e no Geisel, nunca estudei em escola de renome em João Pessoa na minha época. Não que eu seja velha.

Estudei na escola dois mil e um, CDF, Pio x, Lourdinhas, lembro-me da escola Pedro Calmon, Corujinha (risos) que horror, e lembro-me da minha vida toda no CENEC no Geisel e depois eu fui para Academia de Comercio Epitácio Pessoa fazer o curso técnico em contabilidade quando eu vi que não tinha nenhuma afinidade com a parte de exatas. Isso foi quando eu desisti, é e eu lembro que por dois anos eu acho que na segunda série na época era segunda série, terceira série hoje seria segundo e terceiro do ensino fundamental eu estudei em uma escola pública que era a escola estadual José Lins do Rego, minha mãe era professora da escola e por estarmos passando uma recessão financeira por conta de atrasos de pagamentos do governo do estado, e do governo do município, estudei lá. Mas também não me adaptei por que viviam roubando meu lanche (risos) viviam roubando meus cadernos (risos) eu sempre fui muito melosa então eu vivia chorando e reclamando e foi quando resolveram me tirar da escola pública e encarar uma escola particular, mas também nada muito caro.

Eu tive uma infância muito rodeada de livros, livros de todos os tipos os meus pais sempre incentivaram muito isso. Eu fui uma criança muito levada, brincava muito, gostava muito de namorar adorava acho que esse era meu passatempo predileto (risos) e aprontar muito. Então, passou toda essa parte de infância e a gente vai amadurecendo e vai querendo saber o que é que a gente vai ser quando crescer e até então eu nunca tinha decidido por nada, mas sabia que tinha uma forte tendência para a docência, pela influência dos pais em casa, pela vivência na verdade dos pais em casa, e foi quando eu fui pra academia de comércio tentar o curso técnico e não deu certo e logo depois do curso técnico eu disse vou me submeter quando se terminava o terceiro ano a gente se submetia ao vestibular e por influência da sociedade onde na época quem fazia Direito ou área de Saúde se ganhava muito dinheiro. Fiz o meu primeiro vestibular para Direito na UNIPÊ, passei, mas não

assumi por causa da mensalidade ser muito alta e ainda está nessa história de meus pais criarem três filhas e então optaram por fazer uma Universidade Federal. Foi quando abriu em 1995 um vestibular no meio do ano que tinham vagas remanescentes de vários cursos até então as entradas eram pelo PSS, na minha época não era PSS era outra coisa.

Quando eu resolvi me submeter e também não sabia o que queria como não tinha vaga para direito eu escolhi a primeira opção, serviço social a segunda opção Biblioteconomia e ainda tinha outra terceira opção que se eu não estiver enganada eu acho que coloquei Letras, mas eu não sabia o que era nenhum dos três, fiz naquela história do vamos oba oba. Eu estava no Encontro de Jovens com Cristo da Primeira Igreja Batista quando ligaram dizendo a minha família Geysa você passou no vestibular, e eu crente que tinha passado para Serviço Social foi quando eu descobri que tinha passado para Biblioteconomia a primeira pergunta foi biblió o que menino? Que danado é isso? Eu vou fazer o que tá dentro de Biblioteca eu quero isso não?

E por influência da minha mãe, vá olhar o que é, assista a primeira aula veja muito nova na universidade quinze anos de idade. As primeiras aulas foram terríveis, eu não gostava de nada era muito blá e resolvi trancar o primeiro período do curso e tentar vestibular de novo como minha vida era de namorar demais não levei os estudos tão a sério. Na época eu já estava num cursinho do Geo olha como evoluiu, foi o primeiro cursinho quando o Geo veio de Fortaleza montou na esquina da Epitácio um cursinho pré-vestibular e eu resolvi ir, mas eu ia mais para namorar do que para estudar. Então fui reprovada na UFPB em Direito de novo, eu pensei, eu vou voltar a cursar Biblioteconomia, que eu aguento esse negócio de ficar estudando para vestibular mais não. Eu sei que eu não estudo e voltei em noventa e seis a fazer o curso de Biblioteconomia quando na época comecei a me interessar depois de ter ouvido uma palestra da professora Bernardina Freire sobre história do livro, ela falava de um jeito tão encantador que acabou me convencendo e então fui cursando as disciplinas. Um curso à tarde, uma hora da tarde até as seis muito quentes as salas, recursos escassos e durante toda a questão do curso a gente foi conseguindo um contato maior com a prática da Biblioteconomia e eu costumo dizer que eu não escolhi a Biblioteconomia ela quem me escolheu. Depois eu me apaixonei por ela.

Sim. Até então por influência da sociedade eu queria trabalhar na parte da área de Direito, mas por uma questão de ser imatura com quinze, quatorze, dezesseis anos você não sabe o que quer da vida. É uma pessoa totalmente sem ter noção é uma fase de muita influencia poucas informações a respeito das áreas de tudo e então acaba se deixando levar. Isso. As mais bonitas e as mais tristes (risos) as mais bonitas no sentido da gente poder dar uma informação a alguém e esse alguém fazer uso dessa informação de maneira correta, ou seja, cumprir com o que diz a lei de Ranganathan, fazer uso do acervo que este acervo seja bem aproveitado. Uma das leis, isso é o mais gratificante em qualquer profissão quando você consegue cumprir com o papel que lhe foi destinado que é disseminar a informação de maneira que esta informação tenha um sentido que faça sentido, que quem tem esta informação faça um bom uso da informação e nada é mais feliz do que quando chegava um usuário na biblioteca e fazia Geysa eu estou precisando de um material sobre tal tema e não estou conseguindo encontrar ele em lugar nenhum nesta biblioteca. Como é que eu devo proceder? E poder ajudar contribuir de alguma maneira e depois esse usuário voltar e dizer olha eu só consegui por causa de você é algo que é realmente deixa você com ego super massageado e depois você ser indicada, olha vai conversar com Geysa que ela pode te ajudar vai lá que ela dá todas as dicas, ela consegue material informacional para você então são boas lembranças, fora que você também exerce um pouco de psicólogo na área da Biblioteconomia.

As pessoas vêm com tantos problemas e acabam vindo em você, por você saber escutar e poder compartilhar de algo como psicólogo e é às vezes o que lhe vem sendo proposto sai por outro caminho, você acaba ajudando de outra forma então são bons amigos que eu fiz na área. Pessoas que não eram bibliotecários, mas que foram meus usuários e hoje nós ainda somos amigos.

Lembranças ótimas, lembranças triste é quando você não consegue atender e algum usuário por algum momento infeliz da vida dele ele coloca o dedo no seu rosto e diz você está na profissão errada, você não sabe de nada. Existem as benéficas da profissão de qualquer uma delas como também o lado ruim. E assim a gente vai construindo a carreira e melhorando.

A profissão do Bibliotecário mudou muito, por exemplo, vamos fazer um comparativo de 1996 até 2014 era um mercado totalmente predominado pelas mulheres, onde as salas de aula tinham no máximo vinte alunos e desses vinte alunos apenas quatro conseguiam concluir. Eu lembro a minha turma que erámos cinquenta, quando entramos erámos vinte, acho que se concluíram doze foram muito.

O mercado de trabalho até então era bastante restrito, hoje nós temos uma mudança de perfil, hoje nós temos salas mistas, homens e mulheres e a questão das aberturas de novas áreas de trabalho, não só as questões dos concursos públicos, que o que a gente percebe é que as pessoas procuram muito o curso de biblioteconomia, por ter uma concorrência ainda baixa em comparação às outras, por exemplo, um concurso para direito se a concorrência é de 500 para uma vaga e biblioteconomia a concorrência é de 100 para uma.

Então a gente tem esse perfil de profissional que procura a profissão pela questão da estabilidade, pela questão dos muitos concursos, pouca concorrência e dentro dessa pouca concorrência, a concorrência ainda é baixa as pessoas não estudam tanto quanto eram pra estudar a gente também tem outro perfil à demanda que existe no mercado por procura deste profissional para atuar em bibliotecas e a gente também tem outro lado de mudança que o bibliotecário passou a ser visto não só como um profissional que atua dentro de uma biblioteca para responder as necessidades de informação de um usuário.

O bibliotecário é visto como consultor da informação, onde ele em qualquer lugar pode atender o usuário. Eu tenho uma amiga que hoje trabalha com pesquisa em exclusividade pra natura, ela é bibliotecária, então o que é que ela faz? O químico chega solicita que precisa de uma pesquisa de tais e tais plantas e ela faz todo o levantamento bibliográfico de tudo que já foi pesquisado e entrega para ele, então veja que o ambiente físico não está limitado a biblioteca existe hoje outro perfil. Pessoas que trabalham com educação, com acesso digital sendo bibliotecário, então o campo é vasto. O bibliotecário tem como objeto principal a informação e essa informação com a questão da globalização a inserção de tecnologias e principalmente a evolução dos dados lançados em meio eletrônico online virtual são imensos. Então

como trabalhar essas informações? Muitas empresas tem lançado contratado profissional para resolver esses problemas de informações, o campo ampliou o perfil, logo também evoluiu, mas os currículos dos cursos de biblioteconomia não só na Paraíba, mas no Brasil ainda não evoluíram, ainda não conseguem acompanhar a demanda que o mercado precisa.

A mesma. Eu não mudaria eu escolheria a Biblioteconomia. Eu fico até emocionada, hoje vivo da Biblioteconomia, carro, casa, viagens, roupas, perfumes, bolsas, sapatos quem me deu foi à profissão que eu escolhi. Hoje eu tenho não só pela profissão, mas o que eu fiz dessa profissão, de fazer aquilo que eu não queria daquilo que eu nem sabia o que era *biblio o que?* O meu ganho pão, a minha vida, a minha felicidade. Então eu amo o que eu faço!

Eu jamais escolheria outra profissão e hoje eu digo que ela me escolheu e hoje eu não a largo mais. Um adjetivo para o profissional hoje eu diria ser multidisciplinar, ser um compartilhador de informação e não mais disseminador. Qual a diferença de compartilhar e disseminar? Disseminar é quando você tem a informação e você simplesmente ter isso e aquilo. O compartilhar é você pegar a informação e mesmo que a pessoa não precise você saber compartilha-la nos mais diferentes segmentos para os diferentes tipos de usuários. Pra que eles busquem conhecimento além das escolas de biblioteconomia, porque aqui a gente aprende um pouco da teoria e se a gente não buscar fora a gente nunca vai ser melhor do que queremos então sempre procurar estar atualizado com as novas tendências, porque se há uma mudança muito rápida, muito veloz e as escolas não acompanham isso busquem conhecimento atualizar e não parar no tempo.

O bibliotecário não pode parar no tempo, à medida que as coisas evoluem as pessoas e os segmentos evoluem também. O profissional tem que acompanhar não pode ficar estagnado como enxergamos diversos profissionais que ficam parados estagnam e ficam só ali e acabou. Então que eles busquem cada vez mais se aprimorar se aperfeiçoar e acima de tudo ser o melhor naquilo que faz. Eu hoje não sou mais bibliotecária para exercer a profissão dentro de um ambiente, mas ensino o que me foi repassado e o que eu busco para futuros bibliotecários.

O que me faz manter é a paixão e o que é a paixão? Paixão é o que me faz levantar todos os dias o que me faz olhar no espelho e dizer você tá linda maravilhosa, é o que me faz pegar num livro e estudar. O que me faz manter na profissão é a paixão de poder ser mediadora entre conhecimento e o conhecedor, no caso os meus alunos, poder passar um pouco do que eu sei aliado com a minha prática que já mudou bastante do tempo que eu exerci até 2009.

Quando eu estive na Universidade Federal de Bananeiras eu esqueci até de dizer isso, desde 98 eu atuo na área então eu ganhei experiências dentro da universidade como aluna na questão de monitoria, na questão de extensão com projetos de jovens e adultos que inclusive hoje eu coordeno esse projeto do qual eu fui aluna, e depois tive experiências com biblioteca do SEBRAE, SESC e logo depois fui contratada pela biblioteca do Unipê para ser bibliotecária do Unipê quando concluisse meu curso 2004. Passei em um concurso da Universidade Federal da Paraíba fui para bananeiras, passei em bananeiras dois anos depois vim para o CCHLA em João Pessoa fiquei até dois mil e nove e depois pela paixão e por toda questão de influência de você ver pai mãe trabalhando com a docência e também era algo que eu queria, fiz o concurso passei estou até hoje. Mas se dissesse Geysa você gostaria você tem a docência e tem a Biblioteconomia o que é que você gostaria?

Se eu pudesse eu ficaria com os dois eu não largaria e muitas vezes eu já pensei em largar a docência para ser bibliotecária dá menos trabalho. Mas o que me faz manter hoje na questão da docência do ensino de Biblioteconomia pode ter certeza que é a paixão pela profissão que me escolheu e depois eu não a largo mais.

4.4 GUSTAVO HENN

Eu sou de Recife. Na verdade só fiz nascer em Recife porque sempre vivi em Olinda, Recife e Olinda são coladas. Sempre estudei em colégio público, meus pais são engenheiros, tanto meu pai, quanto minha mãe são engenheiros civis, mas sempre gostaram muito de livros. Eu tinha muitos livros, muitos lá em casa, enciclopédias, dicionários, minha mãe sempre brincava dizendo que eu ia ser bibliotecário e eu achava engraçado porque eu nem sabia o que era bibliotecário. Eu me lembro de ter ido para a biblioteca pública lá de Pernambuco

uma vez somente quando eu era criança e no colégio onde eu estudava não tinha biblioteca, quer dizer eu estudei em colégio que tinha em colégio que não tinha, em colégio que tinha, mas vivia fechada, enfim, só vim conhecer mesmo biblioteca quando eu entrei na faculdade. Quando chegou a época do vestibular, eu não sabia o que eu queria fazer então fui fazer Biblioteconomia.

Eu vou fazer esse negócio mesmo, e estou aqui até hoje nisso. Bibliotecário, aqui no Ministério Público do trabalho que é Procuradoria Regional do trabalho daqui de João Pessoa. Quando eu era criança eu lia muito, sempre li muito, não vou exagerar, mas li mais do que a média do que eu conheço. Então eu sempre gostei de ler, sempre fui muito caseiro e sempre gostei de ler desde criança e depois foi até aumentando. Hoje é que depois que eu fiz o mestrado, eu estudei tanto que eu parei um pouco de ler, não tava aguentando mais não, mas até eu fazer o mestrado eu lia muito. Alguns livros por ano, várias coisas eu gosto muito de ler poesia, gosto muito de ler romances, não gosto muito de ler parte técnica não, mas eu também leio. Formei-me na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), estudei lá entre noventa e sete e dois mil e três. O mestrado eu já fiz aqui em João Pessoa na UFPB. Eu me formei em 2003, comecei a estudar para concurso. Nesse período que eu estava formando passei em alguns concursos e em janeiro de dois mil e cinco eu vim morar aqui em João Pessoa, aí eu fiz aqui a especialização em Gestão de Unidade de Informação, que na época ainda não tinha o mestrado e depois teve o mestrado então fiz o mestrado aqui também.

Para ser Bibliotecário? Eu não sabia o que eu queria. Tinha aquela dúvida, que todo estudante de terceiro ano fica em dúvida no que ele vai ser eu não tinha dúvida nenhuma porque eu não sabia de nada, não me interessava por nada, total falta de interesse, como minha mãe gostava eu sempre convivi sempre com livro e como minha mãe já tinha dito que eu ia ser bibliotecário na hora de ver o vestibular eu fiz: eu vou fazer esse negócio mesmo. Na época que eu fiz, eu passei em história, tinha estadual e tinha Federal, eu tinha passado em História na Estadual, mas aí eu desisti, não quis. Preferi fazer biblio mesmo que era pelo fato de ser na federal não pelo fato de ser o curso biblioteconomia, mas porque era federal seria mais fácil para mim. Fiquei só por causa disso.

Foi. Foi a primeira e única. Foi à única vez que eu fiz vestibular fiz na federal para biblio e na estadual para história. Sim. Não assim, o único emprego formal nesse tempo que eu me formei foi como bibliotecário. Antes de trabalhar aqui, eu trabalhei como Bibliotecário na UFPE na Faculdade de Direito tinha passado em concurso também trabalhei um pouco lá, seis meses depois eu vim trabalhar aqui.

Agora fora esse tempo todo, eu atuo. Eu digo que eu atuo e não trabalho, a gente chama de trabalho, coisa formal. Mas meu trabalho, eu atuo dando aulas, eu tenho esse trabalho voltado para concursos públicos em Biblioteconomia que tem até dez anos. Comecei em 2004 então eu atuo, tenho livros escritos, blog, ministro cursos à distância, cursos presenciais, então eu tenho essa outra área de atuação e eventualmente uma coisa ou outra. Eu também tenho livros sem ser da área de Biblio. Tenho dois livros, um livro infanto juvenil e um livro infantil mesmo, de vez em quando eu gosto de escrever, mas é muito difícil publicar, mas aí a gente vai tentando. Agora como formal só aqui mesmo.

Também já tive uma editora que era para publicar meus livros e cheguei a publicar até uns livros de outros Bibliotecários, mas aí não deu muito certo. As pessoas não escrevem, o Bibliotecário é um ser que gosta de livro, mas não gosta de escrever livro. A editora não durou muito tempo.

Eu vejo como uma profissão do presente, não é mais uma profissão do futuro, eu vejo como uma profissão do presente porque tudo que está acontecendo hoje parte do que o bibliotecário trabalha que é o acúmulo de informação. O big data que é o termo do momento e o bibliotecário é o primeiro profissional que trabalhou com big data na história da humanidade, então, está cada vez mais envolta. Agora os bibliotecários talvez ainda não tenham tanta capacidade pra lhe dar com isso por conta de vários fatores, mas que o momento pra o bibliotecário ele é muito bom, é, quem tá conseguindo aproveitar, o mercado de trabalho é vasto.

Eu não conheço nenhum Bibliotecário desempregado, eu digo isso a todo mundo, o pessoal não acredita, mas aí quando começa a conhecer a área, vê que é verdade. Só está desempregado quem quer ou quem de repente já tem outro emprego até porque salário é outra história, mas em termo de emprego, tem muito emprego, muito emprego mesmo. Por conta desses cursos, eu já viajei quase o Brasil

todo para ministrar curso e eu sempre converso com bibliotecários. Eu já vi bibliotecário trabalhar em lugares como farmácia, por exemplo, imagina trabalhar em farmácia, já conheci Bibliotecários que trabalham com closet, só arrumando closets dos ricos lá de São Paulo, enfim, é muita coisa interessante.

Os Bibliotecários ainda não estão procurando isso como deveriam. Mas, estão crescendo, os bibliotecários como todos os profissionais, porque o momento da educação continuada não é somente para o Bibliotecário é para todo mundo, devemos estar o tempo todo estudando. E o Bibliotecário não é diferente, eu acho que o momento também é para isso e eu trabalho de certa forma com isso, já que todas as vezes que eu dou aula para concurso. Eu estou atualizando, eu tenho que me atualizar para poder ensinar para os alunos e os alunos acabam se atualizando também. Tem muita gente que procura o curso já para se atualizar, não é nem porque quer fazer concurso, é porque quer saber um pouco do que tá acontecendo na área acontece muito. A gente vive uma situação de mundo que quem não souber quem não estiver atualizado já está para trás.

Eu faria biblio de novo. Se eu soubesse tudo que eu sei hoje na época que eu fiz vestibular, aí que faria Biblio mesmo, porque hoje eu estou numa situação muito feliz. A gente sempre tem muita coisa para realizar, mas hoje eu estou muito feliz. Eu tenho uma situação em termos de vida muito confortável, tenho uma profissão que me dar liberdade para trabalhar de muitas formas, tenho uma cabeça muito criativa, eu gosto e tudo que eu invento eu consigo aplicar para Biblio de alguma forma. Isso vai deixando a gente satisfeito com a profissão e aí eu acho muito legal, eu acho que se eu soubesse disso naquela época eu tinha feito com mais convicção, eu tinha me formado antes, eu passei muito tempo para me formar, mas justamente esse período que você entra na faculdade e ainda tá perdido, não sabe o que é que vem, não sabe pra onde vai, mas ai na hora que você consegue se encontrar...

O bibliotecário tradicional ele é aquele que sabe onde encontrar, onde encontrar as coisas, ele pode não saber de tudo, mas ele sabe onde encontrar tudo, esse é o bibliotecário tradicional que é o que o Google faz. Então as pessoas hoje, não precisam mais ter aquela mente prodigiosa de gravar tudo porque basta ir ao Google pra recuperar a informação, esse é o papel do bibliotecário tradicional e como o

Google não é uma pessoa, então por melhor que ele seja ele nunca vai ter essa capacidade de discernimento que o ser humano tem.

O bibliotecário continua sendo e é cada vez mais importante, porque as pessoas querem sempre ter um Google perto delas e aí é que entra o papel do bibliotecário para poder ajudar nessas equipes múltiplas disciplinares já que hoje o conhecimento é tão vasto que não cabe numa pessoa só. Então você tem que ter sempre equipes, essas equipes vão ter sempre, se não tiver um bibliotecário de formação, essa equipe vai ter alguém exercendo esse papel de bibliotecário, porque é importante ter sempre alguém que consiga encontrar as coisas, se não tiver um bibliotecário, vai ter alguém fazendo esse papel, então hoje o momento eu caracterizo a profissão, o profissional, o bibliotecário dessa forma, ele é a pessoa que encontra as coisas. Para quem tá atuando eu digo para sempre está se atualizando, porque o que acontece, o momento da tecnologia é tecnologia da informação.

O Google, a empresa mais rica do mundo hoje e trabalha somente com isso, com formas de facilitar que as pessoas encontrem informação, que é o que o bibliotecário já fez desde sempre. Da mesma forma que o bibliotecário tenta ajudar as pessoas a encontrarem informação, o Google também tenta só que o Google faz com mais sucesso. E consegue ganhar muito mais dinheiro, então o que eu digo é que os Bibliotecários eles tem que está sempre atualizado, é estudar bastante essa área de tecnologia, porque não adianta você ficar sempre preso, preso ao papel tradicional, porque as ferramentas de encontrar informação, recuperar informação para usar o termo técnico, elas são bem avançadas e o bibliotecário tem que está sempre se atualizando, se não ele vai acabar ficando para trás. O conselho que eu dou é basicamente isso: estudar e se manter atualizado porque as ferramentas elas evoluem, e a gente também tem que evoluir um pouco.

Eu fico na profissão hoje porque eu gosto. Gosto da profissão porque ela me dar muita liberdade, eu me sinto muito livre assim, eu tenho muita coisa para fazer, eu acho que é uma área também que está muito aberta. Tem muita coisa para fazer que não está sendo feita então de repente eu posso entrar nisso. Eu vejo que o que eu gosto de fazer que é ler, escrever, conversar um pouco com pessoas diferentes, ensinar, isso tudo eu consigo fazer dentro da minha área, então é por isso que eu me

mantenho, e claro que também tem o lado financeiro da coisa paga bem, então a gente consegue fazer tudo isso. Se não tivesse pagando bem, eu teria que mudar que procurar outra área, mas como paga bem, eu posso ficar fazendo tudo dentro da minha área. Sem sair da biblioteconomia. Realmente não tem para onde correr.

O lado financeiro ele vai sempre pesar, mas se eu não tivesse satisfeito financeiramente ai ia ser difícil, porque eu ia ter que trabalhar em outra área e fazer o que eu gosto na área de Biblio. Como eu consigo fazer tudo na mesma área, então estou ótimo, eu consigo fazer o que eu gosto e ainda viver bem assim, mas tem muito para viver ainda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nossas escolhas não podem ser apenas intuitivas,
elas têm que refletir o que a gente é.
Lógico que se deve reavaliar decisões e
trocar de caminho:
Ninguém é o mesmo para sempre.
Mas que essas mudanças de rota venham para acrescentar,
e não para anular a vivência do
caminho anteriormente percorrido.
(Martha MEDEIROS, Comportamento)*

A Biblioteconomia como uma escolha de uma profissão tem suas vantagens e desvantagens como qualquer outra profissão. Os Profissionais Bibliotecários tem uma responsabilidade social com seus usuários, e devem contribuir dentro das unidades de informação com a prática de seus exercícios. Já os alunos de graduação visto com nossos entrevistados que durante a caminhada da graduação, houve práticas da profissão como estágios em bibliotecas, monitorias, participação em projetos, e isso faz o diferencial na vida acadêmica até o profissional, a visão positiva do estudante que tem boa parte de participação no curso entre a prática e a teoria não chega nem perto da desmotivação dos que não tem a oportunidade de conhecer o curso, a diferença é muito grande, e isso faz com que alunos que não tem essa oportunidade, a dificuldade de compreender o que trata o curso e o seu fazer profissional.

Através dos relatos pude perceber que os profissionais de hoje, também responsabilizam os professores como maiores influenciadores para a profissão dentro da sala de aula, pois, o primeiro contato na biblioteconomia é feita por esses

profissionais e infelizmente não temos todo um conjunto preparado para influenciar positivamente dentro da graduação.

A graduação em Biblioteconomia é um curso visto em dois pontos de início, o primeiro é pela baixa concorrência, e o segundo por ser em uma instituição Federal, até em concursos temos a Biblioteconomia com um baixo índice de concorrência. Mas também a biblioteconomia é vista como uma profissão tranquila, que dá liberdade de fazer várias coisas como ler, escrever, ensinar, e ainda proporciona uma vida muito confortável, ou seja, é um conjunto de satisfação pessoal, profissional e financeiro. Na biblioteconomia não existe a profissão, existe o profissional, não importa em qual unidade de informação for, se será instituição pública ou privada, mas o profissional que é apaixonado, fascinado pela profissão será bibliotecário em qualquer lugar, lembrando que o bibliotecário não se limita ao espaço físico de uma biblioteca, pois seu objeto de trabalho é a informação então o mercado de trabalho é vasto para esses profissionais.

O Bibliotecário que escolhe a profissão entende a sua responsabilidade social e o seu fazer de disseminador e compartilhador da informação e também tem o seu comprometimento em promover ações culturais em bibliotecas para atrair usuários e leitores. A paixão pela área faz o bibliotecário ser feliz consigo mesmo e ele entende que a profissão dele existe unicamente em virtude de seus usuários que buscam por uma informação que atenda toda e qualquer necessidade. O profissional Bibliotecário deve estar sempre se atualizando com as novas tecnologias da informação, pois a forma de recuperar a informação hoje em dia, é com ferramentas avançadas, e os bibliotecários devem estar avançados junto com todas as suas práticas. Sem tornar conclusas nossas reflexões, lembremo-nos das palavras de Ana Claudia Medeiros de Sousa “Estou aqui é uma instituição privada não sei até quando, mas dentro de onde eu estiver eu sou bibliotecária”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 4.084/1962, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2 Jul.1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 19 de Ago. 2014.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: Perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.

CARNEIRO, Josué. A história oral como instrumento no desenvolvimento e elaboração da pesquisa. **Bol. Geor**, Maringá, v.30, n.2, p. 121-131,2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 277 p.

FERREIRA MM, Amado J. Apresentação. In: Ferreira MM, Amado J. (Orgs.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006. p. vii-xxv.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Prefácio de Antônio Houaiss. 2.ed.Brasilia: Briquet Lemos/Livros,2007.152p.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial/** Edson Nery da Fonseca. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro; Brasilia: INL, 1979. 112p.

LOZANO, JEA. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: Ferreira MM, Amado J, organizadoras. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006. p. 15-31.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, n. 2, p. 95-108, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: Historia Oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VOLDAM, D. Definições e uso. In: Ferreira M.M, Amado J. (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006. p. 33-41.

IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. **ENEPQ 2013:** História oral e o Método Biográfico: Congruências, Diferenças e Potencialidade de Utilização no Campo da Administração. Brasília, 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador (ES):

Entrevistado:

Sumário:

Conferência da transcrição:

Data da Conferência:

Copidesque:

Local:

Data:

Duração:

Equipamento:

Páginas:

- 1) Então, uma primeira sugestão é que o Sr(a) comece falando um pouco de sua história pessoal, de onde vem, a família, um pouco da sua história pessoal, onde estudou, em que ano e em que cidade o Sr. nasceu? Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?
- 2) Fale-me um pouco sobre seu processo educativo, onde estudou, se gostava de ler, enfim Intercâmbios...
- 3) Como se deu a escolha profissional?
- 4) Vou insistir porque da escolha da profissão de Bibliotecário (a)? Foi primeira opção, ou sua escolha foi casual? O que lhe influenciou?
- 5) Que lembranças o S.R.^(a) tem do exercício da profissão?
- 6) Como o vê a profissão de Bibliotecário na contemporaneidade? E o mercado de trabalho?
- 7) Como o Sr. Vê a educação continuada do Bibliotecário(a)? E que papel pode exercer este profissional?
- 8) Se voltássemos no tempo que escolha profissional o S.R.^(a) faria? Por quê?

- 9) Como caracteriza a profissão de bibliotecário? E que sugestões ou conselhos dariam a esses profissionais?
- 10) O que o faz manter-se na profissão?